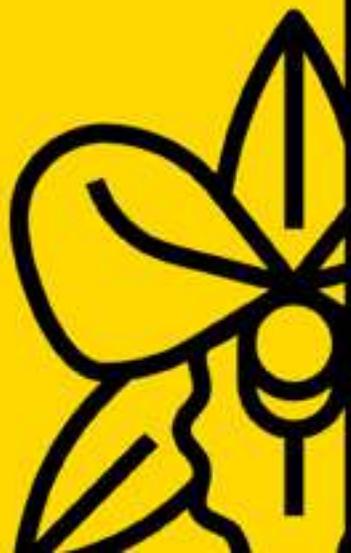


50 anos

Arquivo Histórico de Joinville

**Boletim do
Arquivo Histórico
de Joinville**

**Vol. XVI, nº 19, Edição
trimestral, Janeiro,
Fevereiro, Março 2022.
ISSN 14133434**





Sumário

Editorial

Giane Maria de Souza

5

Arquivo Histórico de Joinville - Algumas Histórias

AHJ 50 anos de história em Joinville

Giane Maria de Souza

7

8

AHJ nas Redes

XV Encontro Catarinense de Arquivos (ECA)

Giane Maria de Souza

10

11

Pesquisadores e o AHJ

**Da Baviera para o Brasil – migração, transferência
cultural e memória**

Peter Mainka

13

14

A importância do Arquivo Histórico de Joinville

Vinícius José Mira

17



O Arquivo Histórico e os apaixonados por futebol Edson dos Santos	20
Trabalhos Técnicos Desenvolvidos pelo AHJ	29
Doações para o AHJ	30
História Institucional	34
Entrevista com Gessonia Leite de Andrade Carrasco Giane Maria de Souza	35
Educação Patrimonial e Difusão Cultural	46
Divulgação científica do AHJ em congressos internacionais Giane Maria de Souza	47
Programação de aniversário de 50 anos Arquivo Histórico	49
Professores e o Arquivo	51
Homenagem ao aniversário do AHJ Waldir José Rampinelli	52
Homenagem ao Arquivo Histórico de Joinville Rogério Lenzi	54



Artefato Cultural	56
Prédio-sede do AHJ	57
Teses e Dissertações da Biblioteca do AHJ	59
Sombrios umbrais a transpor: arquivos e historiografia em Santa Catarina no século XX Janice Gonçalves	60
Memória do Boletim	62
O Arquivo e a Biblioteca Raquel S. Thiago	63
O Arquivo e a Cidade	65
Arquivo Histórico de Joinville, o hipotálamo do município Cristiano Viana Abrantes	66
Aconteceu em Joinville: Femicídio registrado em 1872 no Kolonie Zeitung	70
Por Dentro do Acervo	72
Expediente	76



Editorial

Editorial

Por Giane Maria de Souza

O Arquivo Histórico de Joinville (AHJ) comemora 50 anos no dia 20 de março de 2022. São cinco décadas de uma instituição de memória documental, dedicada a recolher, salvaguardar e difundir o patrimônio arquivístico da região. As competências do AHJ, conforme seu Regimento Interno, Art. 2.º, indicam que seu principal objetivo é “coordenar e implementar a gestão documental, a guarda permanente, a organização, a preservação e a difusão dos documentos produzidos, recebidos e/ou acumulados pelo Poder Executivo Municipal, bem como dos documentos privados considerados de interesse público e social sob sua custódia, visando o acesso à informação.”

Compreendemos que todos os cidadãos devem ter acesso ao conhecimento e à informação, de acordo com os princípios da Declaração Universal sobre os Arquivos (2010): “O livre acesso aos arquivos enriquece o conhecimento sobre a sociedade humana, promove a democracia, protege os direitos dos cidadãos e aumenta a qualidade de vida”.

O Boletim n.º19 do Arquivo Histórico de Joinville é dedicado para comemorar e refletir sobre o aniversário do AHJ. Nesse sentido, proporcionou-se um encontro de gerações nas seções que perfazem o formato editorial deste Boletim. Destacamos a entrevista concedida para o Boletim do AHJ pela conservadora Gessônia Leite de Andrade Carrasco, uma história profissional com contribuição riquíssima para os anais das políticas culturais de Joinville. Na seção que aborda a relação entre o AHJ e os pesquisadores demonstramos que o AHJ possui uma importância em pesquisas internacionais. Desse modo, ressaltamos a contribuição valiosíssima do

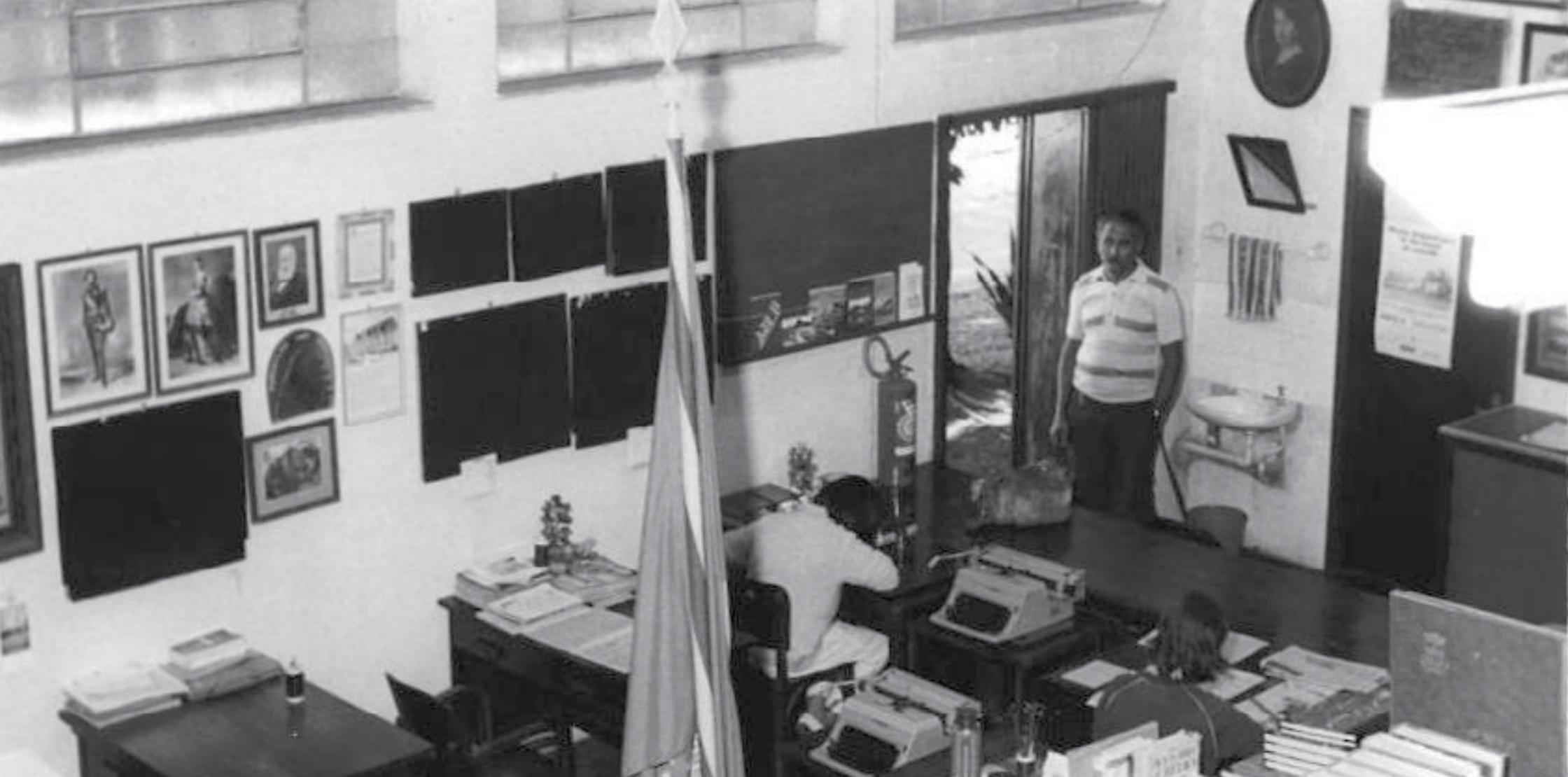
pesquisador Peter Johann Mainka, professor de História na Julius-Maximilians-Universität Würzburg/Alemanha (JMUW) e professor visitante no Departamento de História e no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis/SC (2017-2021). Mestre e Doutor em História medieval e moderna, o professor possui trabalhos nas áreas de História Moderna e Contemporânea, História do Brasil Colonial, Relações teuto-brasileiras.

Vinicius Mira, graduado em História, reflete sobre a importância do AHJ para a historiografia regional, tendo como base suas experiências de pesquisa com o acervo da instituição. Edson dos Santos, entusiasta da história do futebol na cidade, é um pesquisador muito querido pela equipe técnica do AHJ. Entre outras matérias e seções, a contribuição de Cristiano Viana Abrantes, nosso colega da Coordenação do Patrimônio Cultural (CPC), nos inspira sobre a importância da preservação das memórias para a escrita da História. Das atividades ocorridas no ano que passou, sublinhamos as que estão previstas para este ano, ou seja, para as comemorações do aniversário do Arquivo Histórico de Joinville, uma programação intensa ao longo do ano de 2022.

Giane Maria de Souza
Joinville, março de 2022.



Arquivo Histórico de Joinville - Algumas Histórias



AHJ 50 anos de história em Joinville

Giane Maria de Souza

Especialista Cultural, educadora e doutora em História pela UFSC

O Arquivo Histórico de Joinville (AHJ) foi institucionalizado pela Lei Municipal n.º 1.182, de 20 de março de 1972, na gestão do Prefeito Harald Karmann. O primeiro diretor da instituição foi Adolfo Bernardo Schneider. No ano de 1982, em dezembro, a diretora Sarah Gomes organizou um Relatório Fotográfico das instalações do AHJ nas dependências da Biblioteca Pública Rolf Colin, desde sua criação, em 1972. Quadros pintados a óleo, jornais encadernados, diários oficiais acondicionados em “caixotes”, estantes de madeira dividiam espaços com livros, fotografias e documentações raras e importantes para a história regional, como a Coleção Carlos Ficker, adquirida pela Prefeitura de Joinville.

Com praticamente 100 metros quadrados, as instalações destinadas para o AHJ na Biblioteca não suportavam a quantidade de acervo recolhido pelos organizadores da instituição. O espaço, além de pequeno ante o tamanho e a grandiosidade do acervo, era completamente inadequado aos parâmetros arquitetônicos e arquivísticos internacionais e nacionais para arquivos públicos. Ou seja, o Arquivo Histórico de Joinville, durante seus primeiros anos, dedicou-se ao recolhimento de acervos, em grande parte, doados pela população. Os anos se passaram, e uma década depois se iniciou um movimento coordenado pelos técnicos, gestores, intelectuais e idealizadores de que fosse construído novo prédio, dessa vez, comportando os requisitos necessários para a arquivologia e história em um prédio que proporcionasse, além do suporte à pesquisa, as condições necessárias de climatização e acondicionamento adequado do acervo permanente.

São 50 anos de história, período em que várias pessoas, entre pesquisadores,

técnicos e gestores, passaram pela sua trajetória institucional e deixaram o seu legado e contribuição. Muitas foram as concepções de história e memória, mobilizadas nesses 50 anos de existência que demarcaram a escolha para o recolhimento de determinadas documentações em detrimento de outras. Patrimônio é sobretudo inclusão e exclusão, memória e esquecimento, recolha e descarte, nesse sentido, o AHJ, construiu a sua história, que não pode ser deslocada da história de todos aqueles que viveram no município nos séculos passados, desde os povos originários aos sambaquianos, imigrantes teutos, lusos aos africanos. O Arquivo Histórico, para existir, precisa ser reconhecido pelas múltiplas populações que residem na cidade de Joinville, contudo essas populações também precisam se ver reconhecidas no seu acervo. São 50 anos de história e de memórias que precisam ser retomadas em novas escritas e interpretações historiográficas, com novas e modernas tecnologias, com eficientes e democráticas descrições arquivísticas, com novos acessos e usos públicos. Em pleno século XXI, repensar os usos e usufrutos do patrimônio arquivístico e histórico torna-se fundamental para construirmos um município que inclua, sobretudo, em suas instituições públicas todas as diferenças possíveis que existem entre todas as histórias de vida.

O AHJ se constitui e foi constituído conforme os preceitos da legislação internacional e nacional de arquivos. Portanto, compreende-se que os arquivos são patrimônios únicos e insubstituíveis, assim como a preservação e a conservação dos seus acervos são imprescindíveis para a construção das memórias coletivas e individuais. Todavia garantir o acesso às informações arquivísticas é, sobretudo, uma questão de direitos humanos, uma questão de cidadania.



AHJ nas Redes



Camila Schwinden Lehmkuhl



Maria de Fátima Fontes Piazza



Giane Maria de Souza

DE 22 A 24 DE NOVEMBRO DE 2021

XV Encontro Catarinense de Arquivos (ECA)

Giane Maria de Souza

Especialista Cultural, educadora e doutora em História pela UFSC

Nos dias 22, 23 e 24 de novembro de 2021 a Associação de Arquivistas do Estado de Santa Catarina (AAESC), em parceria com o curso de graduação em Arquivologia da UFSC e com o Arquivo Público do Estado de SC, promoveu o XV Encontro Catarinense de Arquivos (ECA), com o tema “Preservação de documentos: reflexos nas práticas arquivísticas”. O evento foi online e pode ser conferido no canal do YouTube da AAESC, neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=9pviVTFIIGE>

A publicação nos Anais será feita em e-book, com os seguintes eixos:

Eixo 1 - Preservação de documentos convencionais e digitais: Aspectos metodológicos da prática sobre a preservação de documentos em suporte convencional e digital.

Eixo 2 - Gestão de documentos: Compreende os processos de organização dos arquivos abrangendo as atividades de classificação, avaliação, descrição, preservação voltadas às técnicas e metodologias de trabalho.

Eixo 3 - Memória e patrimônio: A preservação da memória e do patrimônio documental arquivístico para difusão e acesso aos arquivos.

Aguarde esse material para divulgarmos o campo da arquivologia em Santa Catarina.

2021 com a participação de 16 Arquivos Públicos Municipais do estado de Santa Catarina; do AHJ participou

Fórum de Arquivos Municipais Catarinenses

No dia 24 de novembro de 2021 ocorreu o Fórum de Arquivos Municipais 2021 com a participação de 16 Arquivos Públicos Municipais do estado de Santa Catarina; do AHJ participou a educadora e historiadora Giane Maria de Souza. O evento fez parte da Programação do XV Encontro Catarinense de Arquivos (ECA), organizado pela AAESC e pelo Arquivo Público do Estado de Santa Catarina (Apesc). O Fórum contou com a participação e palestra do representante do Centro de Assistência aos Municípios do Estado de São Paulo, Armando José Bellinatti, que desde 2002 desenvolve um trabalho de orientação técnica às prefeituras e câmaras municipais, por meio do Arquivo Público do Estado de São Paulo (Apesp). Os arquivos catarinenses apresentaram seus trabalhos, suas estruturas, acervos, políticas de preservação e acesso à informação. O Fórum estadual de arquivos foi um momento de intercâmbio e definição de políticas para o campo da Arquivologia.



Pesquisadores e o AHJ



Da Baviera para o Brasil – migração, transferência cultural e memória

Peter Mainka

Professor e Pesquisador, pela universidade Julius-Maximilians-Universität Würzburg (JMUW)

No centro deste projeto de pesquisa sobre migração, estão dois aspectos que me levaram ao Arquivo Histórico de Joinville/SC. O primeiro sobre a vida e obra de Georg Anton von Schäffer (1779-1836), nascido na cidade de Münnerstadt, localidade que pertenceu no século XVIII à Saxônia, mas foi transferida temporariamente, em 1803, e definitivamente, em 1815 no contexto do Congresso de Viena, à Baviera; 2) E o segundo, sobre a Colônia de São Bento do Sul/SC que foi fundada, entre outros, por imigrantes da região fronteiriça entre a Floresta Boêmia (Böhmerwald) e a Floresta Bávara (Bayerischer Wald).

Se de um lado, as condições politicamente repressivas e socioeconomicamente precárias impulsionaram/promoveram no século XIX a emigração das populações mais pobres, sobretudo nas regiões periféricas da Baviera, por outro, o governo imperial do Brasil incentivou a imigração, principalmente para colonizar terras ainda não exploradas e valorizá-las. Foram muitas vezes sociedades ou empresários de colonização que intermediaram as relações entre e os dois lados. As duas colônias de São Leopoldo/RS e de São Bento do Sul/SC, são dois exemplos das características da imigração alemã e, sobretudo, da Bávara ao Brasil.

A fundação de São Bento do Sul está relacionada com a fundação da Colônia Dona Francisca, da qual surgiu a atual cidade de Joinville. Na ocasião do seu noivado, a princesa D. Francisca de Bragança (1824-1898), filha de D. Pedro I do Brasil (1798-1834), recebeu do seu irmão, o imperador D. Pedro II (1825-1891) uma área de aproximadamente 25 léguas quadradas na província de Santa Catarina entre os rios Pirabeiraba e Itapocu. Um representante do príncipe de Joinville firmou, em 1849,

um contrato com o senador Christian Mathias Schröder (1778-1860) de Hamburgo, visando a colonização de uma parte (8 léguas quadradas) da área total concedida. Ainda em 1849, Schröder fundou a Associação Colonizadora de Hamburgo de 1849 (Hamburger Kolonisations Verein von 1849). Depois dos primeiros preparativos realizados em 1849, no local da futura colônia, chegaram, em 1851, os primeiros colonos da Alemanha a Joinville.

Partindo de Joinville como centro, outras colônias foram estabelecidas. A serviço da Associação Colonizadora de Hamburgo, o agrimensor Carl August Wunderwald explorou toda a região de Joinville para os futuros colonos. Uma primeira tentativa de estabelecer uma colônia em São Miguel fracassou, logo escolheu-se outro lugar mais propício: o planalto na beira do rio São Bento, onde nasceu a futura cidade de São Bento do Sul. Por mediação da Associação Colonizadora de Hamburgo, chegaram, em 1873, os primeiros colonos da Alemanha, majoritariamente da Floresta Boêmia e da Floresta Bávara.

Cerca de meio século antes, a figura cilante de Georg Anton von Schäffer (1779-1836) foi envolvida no recrutamento de colonos alemães para o Brasil. Após ter concluído o curso de medicina na Universidade de Göttingen com o doutorado, Schäffer emigrou para a Rússia, entrou no serviço militar e foi nobilitado pelo czar da Rússia. Em 1813, ele participou numa expedição russa para a América, onde ficou na região de Alasca, entrando no serviço da companhia comercial russa-americana, fundada em 1799. Quando o seu ambicioso projeto de conquistar Hawaii fracassou, Schäffer demitiu-se da companhia.

Da Baviera para o Brasil – migração, transferência cultural e memória

Peter Mainka

Ao retornar à Europa, Schäffer aportou, em abril de 1818, no Rio de Janeiro, onde conseguiu – por meio da princesa D. Leopoldina (1797-1826) – acesso à corte de D. João VI (1767-1826). Após uma curta estadia na Alemanha, Schäffer voltou ao Brasil em companhia de quatro famílias e fundou na província de Bahia uma colônia chamada Frankental na beira do rio Peruípe, na região do atual local de Nova Viçosa.

Após a independência do Brasil, D. Pedro I o nomeou agente para questões públicas, e o enviou em agosto de 1822, para a Europa, a fim de recrutar novos colonos, o que foi proibido naquele momento, pois a independência brasileira ainda não era reconhecida. O primeiro grupo de 39 colonos chegou, no dia 25 de julho de 1824, para o Brasil, fixando-se na beira esquerda do rio Sinos – nas terras que pertenceram à Real Feitoria de Linho Cânhamo, que havia produzido até a sua liquidação linho e cânhamo com mão de obra escrava. Deste núcleo nasceu a futura colônia São Leopoldo, que está no início da migração organizada da Alemanha para o Brasil. Ainda hoje, a migração alemã ao Brasil é comemorada nesta data. Entre 1824 e 1828, Georg Anton von Schäffer trouxe mais de 6 mil colonos alemães para o Brasil, entre eles muitos homens jovens que poderiam prestar serviço militar no novo exército brasileiro. Pelos seus méritos, Schäffer foi condecorado, com a ordem imperial Cruzeiro.

Uma tentativa de entrar no serviço diplomático da Baviera ou de Hannover não deu certo. Depois disso, não há mais vestígios concretos de Georg Anton von Schäffer na história alemã, tampouco brasileira, curiosamente, - um homem de muitas ideias e iniciativas que pode ser considerado o padrinho da imigração alemã

para o Brasil.

No contexto da história geral de migração no século XIX, o presente projeto de pesquisa dedica-se aos dois aspectos especificamente bávaros anteriormente mencionados e pouco tratados na historiografia alemã, uma vez que os processos de globalização variados, ocorridos no longo século XIX, refletem-se, de certa forma, tanto na vida e obra de Schäffer quanto na história de fundação de Joinville e de São Bento do Sul.



Dr. Peter Mainka



A importância do Arquivo Histórico de Joinville^[1]

Vinícius José Mira^[2]

Graduando em História pela Universidade da Região de Joinville

O vasto acervo documental do Arquivo Histórico de Joinville sempre me forneceu subsídios valiosos para o empreendimento da operação historiográfica, seja nas atividades associadas à graduação em História, como aquelas realizadas na disciplina de Introdução ao Estudo da História, ou nos projetos de Iniciação Científica que desenvolvi.

A respeito desse último item, gostaria de destacar o projeto “Estação da Memória de Joinville: histórias de vida e processo de patrimonialização”, que desenvolvi com orientação do Professor Dr. Fernando Cesar Sossai e coordenação do Professor Dr. Diego Finder Machado, entre 2019 e 2020. Na etapa de pesquisa documental do projeto, estive várias vezes consultando o acervo do Arquivo Histórico de Joinville, sejam nas páginas da mídia impressa ou na documentação institucional da Estação Ferroviária de Joinville. As idas ao acervo foram de grande proveito e o projeto teve como um de seus desfechos a publicação dos resultados de pesquisa em periódicos acadêmicos de circulação nacional^[3].

Além do seu valioso acervo, o Arquivo Histórico de Joinville também é um importante espaço de divulgação científica por meio do projeto “Pesquisa em Evidência”. Por diversas vezes compareci a palestras e conferências desse projeto que foram de grande proveito para minha formação de historiador.

Por fim, gostaria de destacar aquilo que a historiadora francesa Arlette Farge nos lembra sobre o sabor do arquivo: “uma errância por meio das palavras de outro, a procura de uma língua que salve suas pertinências”^[4]. Em relação a

a isso, não foram poucas as vezes que me vi na errância por meio das páginas dos documentos do acervo do Arquivo Histórico de Joinville como, por exemplo, quando procurando a repercussão nas páginas de jornal da inauguração da sede própria do Colégio Normal Governador Celso Ramos^[5], em 27 de setembro de 1965, acabei envolvido pelos antecedentes das eleições para governador e prefeito, que ocorreram no final da mesma semana, em 3 de outubro; e com o impacto da vitória da oposição à Ditadura Militar em vários estados do país, que no final do mesmo mês de outubro culminou no Ato Institucional Número Dois (AI-2). O que era para ser alguns minutos de pesquisa documental se tornaram uma tarde inteira folheando as páginas da imprensa e desfrutando do sabor do arquivo.

[1] O convite para a escrita desse pequeno depoimento a respeito da minha experiência de pesquisa documental no Arquivo Histórico de Joinville, partiu da querida colega de ofício Giane Maria de Souza, em uma das vezes que fui ao arquivo.

[2] Graduando em História pela Universidade da Região de Joinville (Univille). Contato: viniciusmira1987@gmail.com

[3] MIRA, Vinícius José; SOSSAI, Fernando Cesar. Estação da Memória de Joinville: para que e para quem patrimônio cultural? REVISTA CPC (USP), v. 15, p. 151-170, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v15i29p151-170>

A importância do Arquivo Histórico de Joinville

Vinícius José Mira

MIRA, Vinícius José; SOSSAI, Fernando Cesar; MACHADO, Diego Finder. Estação da Memória de Joinville: para quê e para quem? In: SOSSAI, Fernando Cesar; COELHO, Ilanil; MEIRA, Roberta Barros; CARELLI, Mariluci Neis (Org.). Patrimônio e sociedade: desafios ao futuro. Joinville: Univille, 2020, v.1, p. 362-370.

[4] FARGE, Arlette. O sabor do arquivo. São Paulo: Edusp, 2009. p.119.

[5] Governo Celso Ramos entregou a Joinville dois estabelecimentos de ensino. Jornal A Notícia.

Joinville, 28 set. 1965. Capa, p.01. Acervo do Arquivo Histórico de Joinville. Essa consulta ao acervo surgiu como demanda do processo de pesquisa histórica para elaboração da exposição “EEM Governador Celso Ramos: fragmentos de histórias entre imagens e escritos (1953-1970)”, produzida pelo Laboratório de História Oral da Univille – em parceria com a direção da EEM Gov. Celso Ramos – no marco dos 60 anos da escola.



1932 A 2006



-CLUBE ATLETICO OPERARIO -

METALURGICA NACIONAL

FUNDADO EM 28 DE ABRIL DE 1949

O Arquivo Histórico e os apaixonados por futebol

Edson dos Santos

Vigilante, cuidador de idosos e pesquisador sobre futebol

Embora eu tenha o curso de vigilante, no momento exerço outra profissão, que é de cuidador de idosos em Balneário Barra do Sul, no caso cuido da minha sogra, que tem mal de Parkinson.

O meu hobby é pesquisar em jornais antigos fatos históricos sobre futebol, além disso, pesquiso sobre ferrovias e ônibus; todas as pesquisas na cidade de Joinville e região (essas duas últimas pesquisas são ainda muito recentes).

A minha primeira pesquisa no Arquivo Histórico de Joinville sobre futebol foi no ano de 1996, e de lá pra cá até hoje busco informação nesse local, como também em outras cidades onde existem arquivos.

Sempre me interessei por futebol, pois eu tive na família pessoas que foram atletas, no caso o meu tio avô Otto Francisco Rabock (Chiquinho), que jogou no América na década de 1930, e o meu primo por parte de avô, o atleta Osvaldo Felipe Oliveira (Vadinho), que jogou no Ypiranga e Atlético de São Francisco do Sul, no Caxias e foi campeão estadual pelo clube Atlético Operário em 1956, sendo ambos já falecidos. Além disso, tive uma boa parte da família que trabalhou na ferrovia, por isso é outro tema que pesquiso quando posso.

Das pesquisas em futebol, destaco um trabalho sobre a história do Caxias e outra sobre o América, porém esse último ainda precisa de mais detalhes, pois estou encontrando algumas dificuldades em relação a material para confirmar, uma vez que encontrei alguns erros, coisa normal para quem pesquisa. Fora esses

clubes tenho mais quatro trabalhos, um sobre a equipe do São Luiz Atlético Clube, no qual em 2007 ajudei num informativo (O Santinho) junto com o pesquisador Luciano de Oliveira Borges, a jornalista Lindiara Tusset Wentz e depois Roberto Dias Borba.

Outro trabalho com o jornalista Roberto Dias Borba foi um informativo histórico sobre o Fluminense do Itaum do senhor. João Gaspar, em que também Luciano de Oliveira Borges esteve presente. Estou tentando atualizar um trabalho sobre o Dom Pedro II de Corupá e o outro trabalho é sobre o Glória FC; quanto a esse último, mais da metade está completo.

No momento talvez o clube do qual eu tenha um material mais completo é o do Caxias. Consegui todos os itens no trabalho, já do América faltam ainda alguns dados como confirmar, os jogos amistosos, sobre treinadores, gols. Esses dados, por exemplo, já praticamente concluíram o trabalho do Caxias.

Sobre o Caxias, tenho todos os dados de pesquisa; o senhor Norberto Gottschalk vem fazendo um grande trabalho no clube, já me procurou junto com outros dois pesquisadores, Luciano de Oliveira Borges e Cícero Urbanski. Provavelmente neste ano o clube contará com a nossa presença para fazer um grande memorial nas dependências do estádio Ernestão, que está ficando muito bonito.

O Arquivo Histórico e os apaixonados por futebol

Edson dos Santos

Quando iniciei a pesquisa, nem conhecia o Clube Caxias FC. Foi no ano de 1998 que um senhor com o nome de Ivo Corrente me convidou para conhecer a sala de troféus. Daquele ano em diante sempre ajudei o clube com as minhas informações.

Em 2003 fui diretor de preservação e história do Caxias. Naquele período consegui identificar grande parte das taças expostas que não possuíam nenhuma identificação. Esse mesmo trabalho fiz para o América FC junto ao senhor João Barbosa, que provavelmente mais à frente poderá contar novamente com a minha presença, pois a cada dia tento conseguir novas informações que venham a enriquecer mais o trabalho desse clube.

Independentemente dos assuntos, os arquivos são muito importantes para a sociedade, pois é ali que você tem acesso a outras informações e pode conhecer melhor o que foi o passado para o futuro. Pena que isso não é muito valorizado pela nova geração.

A mensagem que tenho ao Arquivo, tanto em Joinville como em outras cidades, é agradecer a recepção que sempre tiveram por mim e pelas minhas pesquisas, mesmo não sendo um historiador formado, sou um amador, mesmo assim me deram muito valor no que eu estava fazendo. A pesquisa é algo que nunca se acaba. Sempre há algo a se pesquisar, por isso vocês, técnicos do AHJ, são muito importantes para cada pesquisador que queira buscar novas informações, principalmente do passado.

Agradeço a colaboração dos amigos Cícero Urbanski e Luciano de Oliveira Borges nas minhas pesquisas sobre o futebol.



Imagem 1

Lançamento do livro Show de Bola, 2004.

Fonte: Acervo do autor.



O SANTINHO

REVISTA OFICIAL DO SÃO LUÍS ATLÉTICO CLUBE
ANO 1 - Nº 1 - SETEMBRO/OUTUBRO 2007 - Valor R\$ 1,00 em pó de São Luís

1932 a 1959 O FUTEBOL NO CLUBE

O primeiro campo de São Luís localiza-se nos fundos da Igreja Sagrado Coração de Jesus, onde hoje fica o salão parquial. Lá o clube teve sua primeira time, formado em 1932, que disputou jogos em caráter amador até o ano de 1935.

Das jogos disputados nesse período, destaque para a partida realizada contra o Fluminense em Campi, então distrito de Joinville, no dia 24 de maio de 1933. O São Luís venceu por 4 a 3. Outra partida memorável foi realizada em 21 de julho de 1935, quando da vitória do Palestra Itália de Curitiba a Joinville. A primeira partida vitoriosa do São Luís ocorreu em derrota amadora, de 10 a 1. Talvez a primeira goleada de sua história.

Em 1933 foi fundada a Associação Catarinense de Desportos que mais tarde se tornou a Liga Joinvillense de Futebol e o clube passou a ter suas primeiras competições oficiais. An 1936 a Liga Esportiva São Luís disputou 32 campeonatos, patrocinados por aquela entidade. Em 30 e 41 o clube conseguiu dois vices campeonatos em caráter profissional, e um em caráter amador em 1935.

Em 1936, na campanha do vice, a Liga São Luís disputou 10 jogos, venceu 4, empatou 3 e perdeu 3. Faz 24 gols e levou 24.

Em 1941, o clube disputou 6 jogos, venceu 2, empatou 2, e perdeu 2, com 7 gols contra 9 dos demais times.

A campanha de 1936, foi pela categoria amadora, com 12 jogos disputados, com 9 pontos perdidos ao final do campeonato.



ESCALAÇÕES

1932	1933	1934	1935	1936	1937	1938
Costa Lima Lima Lima Lima Lima Lima Lima Lima Lima Lima Lima						

CROMOVILLE

Rua Pinheiro A. Raulo, 21
Itajaí - SC

MATO GROSSO

Rua Pinheiro A. Raulo, 21
Itajaí - SC



Imagem 2

Informativo do São Luís (O Santinho) de 2007 e Fluminense Futebol Clube de 2008.

Fonte: Acervo do autor.

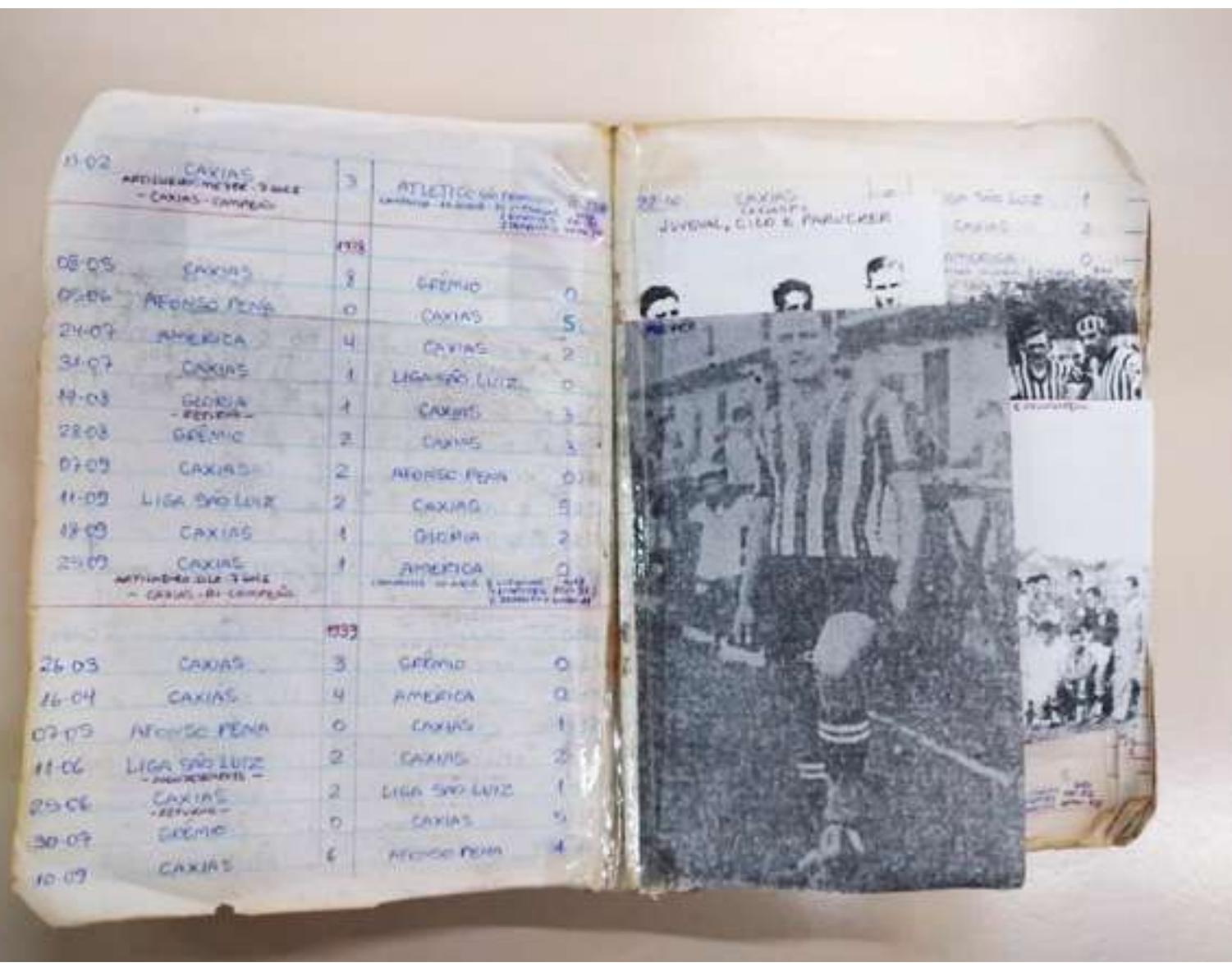


Imagem 3

Cadernos de resultados de jogos. A seção do Caxias é o mais completo, pois do América faltam alguns dados das partidas amistosas ao longo do tempo.

Fonte: Acervo do autor.



Imagem 4

Cadernos de resultados do América e do Caxias.

Fonte: Acervo do autor.



90 anos do Caxias F.C.

Um clube abençoado

Motivos para comemorar?



Sem São Caxias não teríamos motivos para comemorar os 90 anos do nosso glorioso CAXIAS.

Neste 12 de outubro de 2010, o CAXIAS completa nove décadas de existência, marcado na sua história com glórias, conquistas e superação. Isso dá que a obrigação dos caxienses, a quem devemos a nossa honraria, seja que tenhamos a nossa honraria e trabalho, a longevidade do Abel Negro.

Desde a fundação e entrada no grande campeonato, não foram poucas as dificuldades enfrentadas, mas todas superadas pelo nosso CAXIAS, seja no campo esportivo, seja para alargar e manter o seu braço e braço pernóstico, o ERGUMENTO.

Hoje, no seu ano que completa 90 anos o clube tem projeto bem estruturado, que aponta em andamento, o CAXIAS já está alcançando os principais objetivos e preparado para novos desafios que fazem parte disso e sua página da sua história.

E emocionante podemos ter novamente no campo o nosso goleador, participante de um campeonato estadual e levando ao Erasmão centenas de torcedores, todos vibrando e torcendo pelo CAXIAS, mais a decisão principal do futebol caxiense.

Assim, somente nossas breves linhas, já mencionamos várias razões para comemorarmos os 90 anos do CAXIAS e portanto, VAMOS COMEMORAR.

**PARABÉNS CAXIAS,
PARABÉNS TORCEDORES, ATLETAS,
CONSELHEIROS, DIRETORES,
PARCEIROS E PATROCINADORES.**

Hélio Fernandes de Braga
Presidente do CAXIAS F.C.

Para contato e informações, entre em contato com o departamento de comunicação do clube. Telefone: (51) 3633-1111. E-mail: caxias@cxias.com.br. Site: www.cxias.com.br. Endereço: Rua São João, 100 - Centro - Caxias do Sul - RS - CEP: 95000-000.

Outubro é um mês muito especial para os associados, torcedores e simpatizantes do Caxias Futebol Clube. Isso porque, neste mês, mais precisamente no dia 12, no já distante ano de 1920, deu-se a fundação desse tradicional Clube, que se tornou um dos mais importantes e queridos do futebol e região, sendo torcedores também orgulhados por várias cidades do Estado de Santa Catarina.

Um time de futebol, como sabemos, é composto por onze jogadores. Para, de um grupo de onze ilustres jogadores, não somente o jogador, que fundou o Caxias, em seu tempo, com certeza, de que de sua atuação auxiliou a consolidação de uma associação esportiva de grande porte popular, destinada a grandes e gloriosos feitos esportivos, que a tornaram conhecida em todo o Estado de Santa Catarina.

A família filha de fundação do Caxias deu-se muito tempo atrás, à noite, na casa de Octavio Marquardt, na esquina das ruas São Paulo e São Pedro (hoje Ministro Caligaris). Sempre lembrados e venerados pelos caxienses que os sucederam há estarem, além de dona de casa, as Senhoras Anaclara Vianna, Amândia Pavão, Edgard Schmidt, Felipe Zotto, Genoveva Rodrigues, José Victor, Joaquim dos Neves, João Lorenz, Paulo Koch e Riquelme Costa.

O Caxias está completando 90 anos de existência justamente neste momento das mais felizes de sua bela história. Depois de um período inicial de 36 anos, quando com-

pletamos quatro títulos estaduais, no futebol profissional (1929, 1935, 1954 e 1955), o Caxias obteve espaço para o surgimento do futebol profissional, quando em 1976, assinado pelo clube, graças ao fato, por 25 anos, o Estado Encerra Seletos Seletos, pois que o FFC poderia desenvolver suas atividades e firmar-se como um dos mais importantes clubes do Santa Catarina.

Em seu tempo, no final da década passada, o Caxias foi Vice-Campeão e Campeão da 2ª Divisão Profissional, quando, em 2003, para a Divisão Principal, quando se tornou Vice-Campeão do Estado, em disputa contra o Figueirense F.C. de Capital.

Superando, com muita competência, algumas dificuldades, surgidas a partir de 2006, o Clube criou condições de realizar suas atividades profissionalmente e buscar sua volta ao cenário principal do futebol caxiense. Após que integrou seu conjunto de profissionais, dentro de um planejamento estratégico, com alcance de dez anos, em seja, propôs para os comemorativos do centenário do Caxias, em 2020, quando espera estar vivendo uma grandiosa realidade, tanto esportiva quanto materialmente, como merece um clube de tal porte e relevância.

Sem dúvida, um clube abençoado, que alcançou nesta data especial, quando é comemorado o Dia de Nossa Senhora Aparecida, Dia das Crianças e Dia do Descobrimento da América.

Parabéns, Caxias Futebol Clube!



Imagem 5

Informativo do Caxias FC, em 2010, com pesquisa de Edson dos Santos

Fonte: Acervo do autor.



Imagem 6

Caderno de pesquisas do autor.

Fonte: Acervo do autor.



Trabalhos Técnicos Desenvolvidos pelo AHJ



Recebimento de doações para o acervo do AHJ

Recebimento de doações para o acervo do AHJ

O AHJ, desde sua constituição em 1972, recebe doação de documentação e obras para o seu acervo de pesquisadores e da comunidade em geral. Em 2021 recebemos doações de alguns pesquisadores, ex-gestores e comunidade em geral. Todos os documentos foram analisados pela Comissão de Avaliação e Seleção de Acervo (CASA), instituída pela Portaria 205/2021, com deliberação de incorporação ao acervo na reunião n. 01/2021 e à biblioteca de apoio. A CASA é composta pelos servidores: I – Arselle de Andrade da Fontoura; II – Dilney Fermino Cunha; III – Giane Maria de Souza; IV – Rodrigo Boçõen; V – Elisangela da Silva. A seguir segue a relação de doadores e suas respectivas doações:

Doador: Valdir Bonamigo

1 - Livro (tipo ata) com Registro de Segurança, anotações técnicas e de manutenção da Caldeira água Tubular – Babcock & Wilcox.

1 - Cópias de documento Ordem de Trabalho nº 51/004 – Ref. Secção de Guardas-Vigias.

01 - Calendário mensal – Entrega de materiais no almoxarifado.

17 - Cópias de registros pessoais dos Guardas-Vigias, documentos esparsos.

06- Rótulos: Cerveja Antarctica.

Doador: Apolinário Ternes

01 - Livro: TERNES, Apolinário. Tempos modernos: A presença dos italianos em Joinville – 1973-2008. Joinville: Univille, 2010. 173 p.

01 - Livro: Lutherische Kirche in Brasilien. São Leopoldo, RS: Rotermund & Co., 1955. 268 p.

01 - Livro: HERKENHOFF, Eily. Joinville: nosso teatro amador (1858-1938). Joinville: Arquivo Histórico de Joinville, 1989. 38 p.

01 - Livro: GEHLEN, Joel. ACIJ na História de Joinville: 110 anos de legados econômicos e sociais. Joinville: Letradágua, 2021. 272 p.

Doador: Edson Busch Machado

01 - Livro: KRISCH, Hilda Anna. História do Cemitério dos Imigrantes e da Casa da Memória do Imigrante. Joinville: Arquivo Histórico de Joinville, 1991. 28 p.

01 - Encadernação em Espiral: História do 62º BI e de seu Patrono. 25 p.

01 - Brochura: 75º Aniversário da Fundação de São Bento hoje Serra Alta: Edição comemorativa. São Bento do Sul: 1948. 56 p.

01 - Documento cartográfico: Planta da Cidade: Joinville. Executado na administração do Dr. Marinho de Souza Lobo pelo Engenheiro Luiz Monteiro da Silva. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1924.

02 - Jornal: Kolonie-Zeitung, 20 de dezembro de 1912 (Edição Comemorativa de 50 anos); 20 de dezembro de 1937 (Edição Comemorativa de 75 anos).

Doador: Edson Busch Machado

Caixa 1 – 17 fitas

4 fitas Rádio.Jornal.TV. Clipagem – Edson Busch Machado – Presidente Fundação Cultural de Joinville de dezembro de 1996 a novembro de 1997.

12 fitas Rádio.Jornal.TV. Clipagem – Fundação Cultural de Joinville de janeiro de 1998 a junho de 1999.

1 fita Rádio.Jornal.TV. Clipagem – XVI Festival de Dança de Joinville – julho de 1998.

Recebimento de doações para o acervo do AHJ

Caixa 2 – 23 fitas

23 fitas Rádio.Jornal.TV. Clipagem – Fundação Cultural de Joinville de junho de 1999 a dezembro de 2000.

Caixa 3 – 20 fitas

20 fitas Rádio.Jornal.TV. Clipagem – Fundação Cultural de Joinville de janeiro de 2001 a setembro de 2001.

Caixa 4 – 29 fitas

20 fitas Rádio.Jornal.TV. Clipagem – Fundação Cultural de Joinville de setembro de 2001 a dezembro de 2002.

3 fitas Rádio.Jornal.TV. Clipagem – Fundação Catarinense de Cultura de janeiro de 2003 a janeiro de 2004.

3 fitas Mae Clipagem Eletrônica Ltda. - Fundação Cultural de Joinville de janeiro a setembro de 1997.

3 fitas Mae Clipagem Eletrônica Ltda. – Festival de Dança de Joinville de junho e julho de 1997.

Caixa 5 – 32 fitas

15 fitas – Programa Fabíola Bernardes (itens 90 a 104)

17 fitas – temas diversos (itens 105 a 121)

Caixa 6 – 31 fitas

2 fitas JM – abril de 1997 e julho de 1998.

26 fitas Rádio.Jornal.TV. Clipagem – Fundação Cultural de Joinville de junho de 1998 a setembro de 2002.

1 fita Rádio.Jornal.TV. Clipagem – Festival de Dança Joinville de julho e agosto de 2000.

1 fita Rádio.Jornal.TV. Clipagem – Especial RBS Terras de Joinville de agosto de 2002.

1 fita Jet Set – JM setembro de 1999.

Doações de equipamentos para o AHJ via Edital Elisabete Anderle 2019 FCC

Por meio do projeto “Projetos Arquitetônicos” do Fundo do Poder Executivo (1917-1971), custodiados pelo Arquivo Histórico de Joinville/AHJ (Primeira etapa) aprovado pelo Edital Elisabete Anderle/2019 da Fundação Catarinense de Cultura (FCC) – tornou-se possível adquirir equipamentos fundamentais para o processo de digitalização, descrição, análise, pesquisa e conservação dos projetos arquitetônicos.

O projeto foi proposto no nome da técnica Giane Maria de Souza, que inseriu a doação dos equipamentos na contrapartida social para que o projeto de digitalização do acervo dos projetos arquitetônicos tenha continuidade e alcance o maior número possível de usuários.

O AHJ recebeu por meio de um Termo de Doação, em nome de Giane Maria de Souza, os seguintes equipamentos permanentes:

1)	DIG. IMAG. IQ QUATTRO 36/PEDESTAL.....	R\$ 48.000,00
1)	MICRO COMPUTADOR PORTÁTIL DELL INSPIRON 5584.....	R\$ 4.550,00
1)	DELL INSPIRON 3470.....	R\$ 4.740,00
1)	MONITOR 2317h DELL.....	R\$ 845,00

Recebimento de doações para o acervo do AHJ

3)	HDD 2TB.....	R\$ 1.400,00
1)	MAPOTECA COM 10 GAVETAS 1,22 x 1,20 x 0,77.....	R\$ 5.192,00
1)	SCANNER PORTÁTIL P215II A4 COLORIDO.....	R\$ 1.579,99.

Até dezembro de 2021, período de entrega do relatório técnico para a FCC, Fernanda Pirog Oçoski e Leandro Brier Correia mensuraram o total de 35 mil imagens digitalizadas e editadas, meados da década de 1950, compreendendo aproximadamente 30% das imagens a serem digitalizadas, conforme o conjunto documental de cada projeto.

A arquiteta e urbanista Dinorah Luisa Mello Rocha Brüske computou até dezembro de 2021 a análise e descrição de 2.069 projetos.

Giane Maria de Souza e Fernanda Pirog Oçoski conseguiram realizar um inventário histórico dos projetos arquitetônicos até o ano de 1922. Pesquisando na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, conseguiram reunir dados para a elaboração das biografias dos proprietários, desenhistas, construtores, engenheiros e arquitetos, além de uma biografia institucional das construtoras, empresas de engenharias e arquiteturas. Tal pesquisa, além de mapear não somente o processo produtivo do início e meados do século XX, descortina a expansão da construção civil no município de Joinville, as transformações na paisagem urbana, a formação dos conjuntos urbanísticos, as nomeações dos logradouros e formação dos bairros.



História Institucional



Entrevista com Gessonia Leite de Andrade Carrasco

Giane Maria de Souza

Especialista Cultural, educadora e doutora em História pela UFSC

GMS: Fale um pouco sobre a sua trajetória familiar, onde nasceu, profissão do pai, da mãe. Como foi a sua infância e juventude?

GLAC: Nasci numa pequena propriedade rural do meu avô paterno, no interior do Paraná. O meu pai: paulista. A minha mãe: cearense. Eles se conheceram no estado do Paraná. Eu sou a terceira de cinco filhos. Quando a minha irmã entrou em idade escolar, minha mãe fez questão que mudássemos para a cidade para que pudéssemos estudar. Inicialmente, os meus pais foram se encaixando em trabalhos nas propriedades rurais da região. Meu pai logo se ligou ao Sindicato de Trabalhadores Rurais do Município, era 1969 e como ele dizia: “no sindicato, éramos como irmãos, sempre nos ajudávamos em período de escassez de trabalho e de muita repressão”. Com o nascimento dos meus irmãos mais novos, minha mãe buscou um trabalho que nos desse mais regularidade financeira. Embora o dinheiro fosse pouco, era uma quantia certa todo mês. Trabalhou como servente na Prefeitura e se aposentou nessa função. Meu pai, depois de aposentado, ainda trabalhou durante anos como vigilante de uma escola privada. Meus pais enfrentaram muitas dificuldades e desafios para nos dar um futuro melhor. Eles são exemplos de perseverança para mim e para meus irmãos que, num país cheio de injustiças sociais, eles nunca desistiram. É neles que me espelho todos os dias.

GMS: Você pode nos contar como foi a sua formação escolar e acadêmica?

GLAC: Como a maior parte dos brasileiros, eu estudei em uma escola pública, o que hoje é o ensino fundamental e o ensino médio. A graduação fiz numa instituição

privada, a UNIVILLE. Sou graduada em Educação Artística, com habilitação em Artes Plásticas. Depois me especializei em Conservação e Restauração de Obras sobre Papel na UFPR e cursei o Mestrado em Arquitetura e Urbanismo na UFSC.

GMS: Em que ano você entrou para a PMJ? Como foi o início da sua carreira na área da Cultura?

GLAC: Cheguei em Joinville no início de janeiro de 1984 e, depois de procurar emprego em diversas empresas do Município, finalmente, consegui uma vaga na Prefeitura Municipal de Joinville e depois de um período de experiência e vários testes, fui oficialmente contratada em 05 de abril de 1984 como escriturária e encaminhada ao Arquivo Histórico de Joinville, que funcionava numa sala de 100 m² da Biblioteca Pública Municipal Rolf Colin. Lá trabalhavam Sarah Gomes, bibliotecária e responsável pela unidade, Elly Herkenhoff, historiadora e tradutora, Maria Thereza Elisa Böbel, tradutora e o sr. José da Silva, auxiliar de serviços gerais. Lembro de todos com muito carinho e cada um deles teve papel importante na minha inserção na área da Cultura. Ressalto os ensinamentos da Sarah Gomes, que definitivamente despertaram em mim o interesse para a área de acervos. Eu estava com dezessete anos, era uma migrante do interior do Paraná, tímida aos extremos, numa terra de cultura totalmente diferente àquela que eu vivia antes. Sarah Gomes não só me acolheu com carinho, como também me ensinou os primeiros passos para a organização e a conservação de acervos, me falou do Arquivo Nacional, da Biblioteca Nacional que, na época, eu não fazia ideia que existiam.

Entrevista com Gessonia Leite de Andrade Carrasco

Giane Maria de Souza

A Fundação Cultural de Joinville havia sido recém criada (1982) e a cidade estava num momento de consolidação das suas instituições museológicas, arquivísticas e de formação. Estava começando um longo percurso de estruturação das unidades. Elas já existiam, mas faltava dar corpo. O Arquivo Histórico ganhou sede própria em 1986. O projeto foi desenvolvido na Prefeitura de Joinville, com orientação dos técnicos do então Pró-Documento, Fundação Nacional Pró-Memória, extintos no Governo Collor. Anos depois a Fundação Cultural de Joinville conseguiu que cargos específicos da área cultural fossem criados no Município, iniciando um processo de qualificação e profissionalização das instituições culturais.

GMS: Você é considerada uma das principais restauradoras e conservadoras do município de Joinville e do estado de Santa Catarina. Como surgiu o interesse pela área de conservação e restauração?

GLAC: Uma das coisas que mais me fascinou quando comecei a trabalhar no Arquivo Histórico de Joinville em 1984, foi a documentação manuscrita com tinta ferrogálica. Achei os documentos belíssimos, fiquei encantada com o rigor com que a letra cursiva era escrita, a cor da tinta sobre o papel envelhecido. Fiquei fascinada e ao mesmo tempo intrigada: por que alguns daqueles documentos estavam se fragmentando? Este questionamento ficou guardado num cantinho da minha memória e, em 1989, quando houve a oportunidade, eu não poderia deixar passar. O Arquivo Histórico de Joinville mantinha acordos de cooperação técnica com a então República Federal da Alemanha, por meio do Consulado Alemão e recebeu um pequeno recurso para estruturar um laboratório de pequenos reparos de

documentos no AHJ. Eu me candidatei ao desafio, assim, eu e a Norma Rathunde que trabalhava com o acervo fotográfico do AHJ, fomos fazer um treinamento no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, para conservar e restaurar documentos arquivísticos sobre o suporte de papel. O diretor do AHJ, Apolinário Ternes, me deu a missão de cuidar de tudo que era necessário para a instalação de um laboratório. Nascia meu primeiro e modesto projeto: Instalação do Laboratório de Pequenos Reparos no Arquivo Histórico de Joinville. Os móveis e os equipamentos necessários para o funcionamento do laboratório foram adquiridos e passamos a fazer os primeiros trabalhos de conservação, logo após o treinamento realizado em Florianópolis e visitas técnicas ao Arquivo Nacional e à Biblioteca Nacional.

GMS: Você pode nos contar como foi a sua formação na Holanda?

GLAC: Um dos requisitos para obtenção do título de Especialista em Conservação e Restauração de Obras sobre Papel, era fazer estágio supervisionado em uma instituição reconhecidamente atuante na área do patrimônio cultural, detentores de acervo em suporte de papel, nacional ou internacional. Em 1998, quando iniciei a especialização, o Ministério da Cultura (quando tínhamos um), mantinha dois programas de formação, um na área das artes e outro na área do patrimônio cultural (APARTES e VIRTUOSE, respectivamente). As dificuldades financeiras eram grandes para me manter no curso, então decidi me candidatar ao Programa “Virtuose” e meu projeto de pesquisa foi selecionado. Essa bolsa, possibilitou que eu pudesse realizar meu projeto de pesquisa num grande laboratório de pesquisas em conservação e restauração de bens do patrimônio cultural, fazer o estágio supervisionado numa

Entrevista com Gessonia Leite de Andrade Carrasco

Giane Maria de Souza

instituição museológica de grande porte no exterior e concluir a especialização. Durante seis meses fiquei em Amsterdã, na Holanda. Parte do tempo fiz o estágio supervisionado no setor de Restauração de Artes Gráficas, do Rijksmuseum e parte me dediquei à pesquisa sobre tinta ferrogálica no Instituut Collectie Nederland – ICN (Instituto Holandês de Patrimônio Cultural). Na época, o ICN coordenava o projeto europeu Ink Corrosion e tive a honra de trabalhar com os cientistas do Projeto. Era o tema da minha pesquisa e depois de tantos anos, o problema que havia me intrigado no início das minhas atividades no Arquivo Histórico de Joinville, em 1984, agora estava sendo investigado e eu estava fazendo parte daquilo. Eu me senti recompensada. As dificuldades financeiras, as longas jornadas no trabalho para compensação da carga horária e a batalha por bolsa, sim, tudo valeu a pena.

Os estágios no exterior me possibilitaram experimentar, de fato, a ciência da conservação. No ICN, tive a oportunidade de investigar a corrosão do suporte de papel provocado pela tinta ferrogálica. A tinta ferrogálica foi utilizada para escrita desde a Idade Média até meados do século XX. No período em que realizei a pesquisa, pude entender os mecanismos de corrosão da tinta e sua ação sobre o papel e, também, estudar meios (tratamentos) para interromper esses mecanismos de degradação. É importante salientar que essa pesquisa foi a primeira realizada no Brasil sobre o assunto e que, desencadeou uma série de eventos e projetos para discutir o tema e desenvolver pesquisas para estudos desse tipo de documentação no Brasil.

Depois da Holanda, tive uma nova experiência no exterior, desta vez na França, em Paris. Na época eu estava trabalhando com os artefatos do Cemitério do Imigrante,

especialmente, os ornamentos de ferro. Por recomendação de uma grande estudiosa dos artefatos metálicos, Virgínia Costa, Engenheira Metalúrgica e Cientista da Conservação, consultei o Laboratoire de Recherche des Monuments Historiques – LRMH, instituição ligada ao Instituto Francês de Patrimônio Cultural, sobre a possibilidade de estágio. Sendo aceita, licenci-me das minhas funções na FCJ e fiz um estágio de 8 meses no LRMH, quando pude participar de diversos projetos que vinham sendo desenvolvidos, como: a restauração do Petit Palais e do Grand Palais; o uso do aço inoxidável nas intervenções de restauração dos monumentos em metal. Realizei diversas visitas técnicas em museus, tesouros de igrejas e laboratórios de pesquisa, como o CRCDG (documentos gráficos) e o laboratório do Museu do Louvre. Fiz uma grande pesquisa sobre os artefatos metálicos em ferro integrados à arquitetura e o seu comportamento, quando expostos às intempéries. Também tive a oportunidade de participar do processo seletivo, no qual fui aprovada, do mestrado profissional em Conservação Preventiva de Bens Culturais da Universidade de Paris I – Panthéon Sorbonne.

GMS: Você trabalhou em grandes projetos dentro e fora da PMJ. Poderia nos relatar algumas experiências?

GLAC: Nos 34 anos de Fundação Cultural de Joinville, foram tantos desafios e projetos, mas acho que os projetos que exigiram maior fôlego foram: o levantamento do estado de conservação do Cemitério do Imigrante em 1999, que depois resultou na sua restauração em 2000. Eu estava saindo de uma imersão em tinta ferrogálica e suporte em papel e foi me dada a missão de conhecer, identificar e avaliar o

Entrevista com Gessonia Leite de Andrade Carrasco

Giane Maria de Souza

estado de conservação dos artefatos do Cemitério do Imigrante. Posteriormente foi o inverso: eu estava numa imersão estudando tudo sobre os bens integrados à arquitetura, especialmente, em metal, focada no Cemitério do Imigrante e a bomba “organoclorado” havia caído sobre o Arquivo Histórico, então, posso dizer que a elaboração e desenvolvimento de diversas etapas do Programa de Tratamento do Acervo do AHJ, contaminado com inseticidas organoclorados foi um grande desafio. Fora da FCJ, elaborei e executei o projeto de conservação do acervo em papel (obras de arte) do artista Luiz Henrique Schwanke. Participei do projeto de restauração de um cemitério israelita, no interior do Rio Grande do Sul, no qual elaborei e executei os projetos de restauração de 80 túmulos. Trabalhei com o acervo em metal do acervo Carmen Miranda, do Museu Carmen Miranda, no Rio. Trabalhei com acervos (objetos metálicos e artefatos com tinta ferrogálica) do Museu Paulista, da USP, em diversos momentos e projetos diferentes. O mais recente, em 2021, foi o de consultoria e de treinamentos da equipe para o tratamento do acervo em metal, definindo diretrizes para tratar, conservar e expor os objetos metálicos, no âmbito do projeto do Novo Museu do Ipiranga.

GMS: Você trabalhou no Arquivo Histórico de Joinville em diversos momentos da sua história institucional. Podes nos contar alguns acontecimentos dessa longa trajetória no AHJ?

GLAC: Nos anos que trabalhei no Arquivo Histórico, pude participar de grandes acontecimentos para a instituição como, a sua mudança, em 1986, para a nova sede, recém-construída e equipada para receber o acervo. A equipe foi crescendo e se

especializando, assim, passamos a ter setores também especializados: História Oral, Tradução e Imigração, Fotografia, Documentos Manuscritos e Impressos, Obras Raras, Laboratório de Pequenos Reparos de Documentos. Esses foram os primeiros setores, com o tempo tudo isso foi se modificando, afinal, arquivos e museus são instituições dinâmicas e que se transformam sempre que necessário.

Iniciar minhas atividades em conservação de acervos, foi uma oportunidade dada pelo Arquivo Histórico: o primeiro desafio foi instalar o laboratório, depois pesquisar, avaliar e propor diretrizes para a conservação dos acervos com tinta ferrogálica, seguida pelo desenvolvimento de embalagens específicas para cada tipo de acervo como audiovisual, especialmente as fotografias, dispositivos, negativos rígidos e flexíveis, discos entre outros; acervo bibliográfico; acervo de documentos manuscritos e impressos avulsos. Mais tarde a equipe enfrentou um grande problema: a contaminação do acervo com inseticidas organoclorados. Foi um período de muito trabalho, investigação, pesquisa e discussões que gerou o Programa de Tratamento e Acesso ao Acervo do Arquivo Histórico de Joinville contaminado por inseticidas organoclorados.

GMS - Como surgiu o Centro de Preservação em Bens Culturais e qual a sua importância histórica e técnica para as unidades de memória do município?

GLAC: O Centro de Preservação de Bens Culturais Móveis e Bens Integrados, surgiu da fusão do Laboratório de Pequenos Reparos do AHJ e do Ateliê de Restauração do Museu de Arte de Joinville com o objetivo de atender todas as unidades museológicas e arquivo em estrutura única, com total apoio e incentivo do então

Entrevista com Gessonia Leite de Andrade Carrasco

Giane Maria de Souza

Coordenador de Patrimônio Cultural, Afonso Imhof e aval do presidente da FCJ, Edson Busch Machado. A ideia era ter um espaço bem estruturado e que pudesse ser utilizado por todas as unidades, otimizando equipamentos e facilitando a aquisição de materiais de conservação e restauração. O papel do CPBC é oferecer treinamentos e orientação às equipes das unidades quanto à conservação preventiva dos seus acervos, formular diretrizes para conservação desses acervos, realizar os trabalhos de restauração e atuar na pesquisa de materiais e técnicas constituintes dos artefatos de museu e arquivo e de bens integrados. O CPBC foi inicialmente instalado no AHJ, depois passou a funcionar na Estação da Memória, quando em 2014, foi transferido para a sede da Fundação Cultural de Joinville, hoje Secult, num espaço mais adequado ao seu funcionamento.

GMS: Qual a importância da preservação/conservação do patrimônio para uma cidade do tamanho de Joinville?

GLAC: A preservação do patrimônio cultural é importante para manter viva a sua identidade e conseqüentemente se fortalecer economicamente de forma mais humana.

GMS: Em sua opinião, como o campo do patrimônio cultural poderia se fortalecer em Joinville na construção das políticas culturais?

GLAC: Vamos começar pela Europa, que tem tradição na preservação do patrimônio cultural, principalmente, o patrimônio material que eles exploram de diversas

maneiras. Há grandes investimentos visando à preservação de bens culturais materiais, tanto para a pesquisa quanto para a restauração propriamente dita. Mas isso tudo levou muito tempo, mas foi uma evolução de processos. A partir do século XV, as intervenções em obras do passado passam a ter uma motivação para além da utilitária, ou seja, uma motivação cultural. Esse processo foi lento e a preservação do patrimônio cultural se consolida no século XIX, quando as intervenções são sistematizadas e a preservação do patrimônio cultural material, como a entendemos hoje, toma força com as formulações teóricas de estudiosos como Viollet-le-Duc, Vitet e Mérimée (França), Ruskin e Morris (Inglaterra), Boito (Itália), Riegl (Áustria), que provocaram grandes discussões sobre o conceito de restauração e de como preservar os monumentos históricos. Já no Brasil, tenho a impressão, que há um culto ao novo, não há uma preocupação natural com a preservação das coisas do passado. A preocupação com a preservação do patrimônio cultural é recente (somos um país jovem) e só aparece no anteprojeto para o Serviço do Patrimônio Artístico Nacional (SPHAN), elaborado por Mário de Andrade, em 1936, a pedido do então ministro da Educação do Governo Vargas, Gustavo Capanema, que aprovou um mês depois a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). As ações nesse sentido foram evoluindo lentamente no decorrer dos anos. Nos últimos anos, vivemos enfrentamentos constantes e perdas irreparáveis pela falta de compromisso dos governos em manter políticas públicas em prol da preservação do patrimônio cultural brasileiro. Em termos locais, o Município explora turisticamente essa relação com a Europa, entretanto, pouco se faz para a preservação do seu patrimônio cultural, nem mesmo em relação ao patrimônio que fortalece essa ascendência europeia. Não temos o hábito de preservar, de apreciar

Entrevista com Gessonia Leite de Andrade Carrasco

Giane Maria de Souza

e valorizar o que é do passado, há definitivamente um culto ao novo. Precisamos de uma instituição pública forte e que invista, digamos, na tradição de preservar. Assim, considero importantíssimo restabelecer o funcionamento da Fundação Cultural de Joinville com autonomia para gerenciar as ações da área cultural. O patrimônio vem sendo estrangulado dentro de uma secretaria mista como é hoje. Há pelo menos 6, 7 anos tudo o que foi construído desde a criação da Fundação Cultural de Joinville, em 1982, vem sendo paulatinamente extinto e isto pode ser claramente constatado quando observamos a velocidade com a qual o patrimônio cultural do município vem sendo destruído, assim como outras áreas da Cultura.

GMS: Você atuou na gestão de equipamentos importantes ao longo de sua carreira, como da Estação da Memória, Arquivo Histórico e Gerência de Patrimônio Cultural e Museus? Poderias nos relatar os desafios de ter sido uma técnica de carreira gestora?

GLAC: Acho que o maior desafio é convencer uma gestão de que você está ali não para fortalecer os ideais de um governo e sim para fortalecer a área para a qual você foi designada para gerenciar, no meu caso, a área de Patrimônio Cultural e Museus.

GMS: Qual a importância dos servidores públicos para a cidade, o estado e o país, sobretudo na área da Cultura? Como valorizar o serviço público e seus trabalhadores e trabalhadoras?

GLAC: O servidor público é o principal agente de organização e funcionamento

de um município, um estado ou um país, em todas as áreas. As pessoas de uma forma geral não conseguem ter a noção da importância do servidor público e de que sem a estrutura pública seria o caos nos municípios. O servidor público precisa ser valorizado e na área da Cultura é necessário investir mais na qualificação do servidor público, dar condições estruturais para o pleno desenvolvimento das suas atividades, implementar plano de carreira e, sobretudo, respeitá-lo no exercício das suas funções.

GMS: Quais os novos caminhos trilhados por você após a sua aposentadoria?

GLAC: Continuo atuando na preservação de bens culturais, porque sou apaixonada pelo meu trabalho. O que mais me encanta na área de Patrimônio Cultural é poder investigar a matéria do bem cultural e sua interação com o ambiente, em termos de resistência e degradação da matéria, ou seja, entender os mecanismos que levam à vulnerabilidade do objeto diante da implacável ação do tempo e os tratamentos que podem retardar o seu desaparecimento total. Penso que o doutorado será inevitável.

GMS: O AHJ comemora em março de 2022, 50 anos de existência. Quais os desafios e perspectivas de uma instituição arquivística cinquentenária?

GLAC: Acho que há muitos desafios e muitas perspectivas. A equipe está se renovando, certamente, virão novas ideias. A instituição acumulou um enorme acervo durante esses anos desde a sua criação em 1972. Acervos que precisam ser

Entrevista com Gessonia Leite de Andrade Carrasco

Giane Maria de Souza

desvendados, explorados e preservados na sua forma original e também em novos formatos. Arquivos são instituições dinâmicas e o Arquivo Histórico precisa estar aberto a novas possibilidades.

GMS: Você trabalhou com ícones da história cultural da cidade, como pensar os múltiplos contextos de gestão da cultura implantados via Fundação Cultural de Joinville para a atual Secretaria de Cultura e Turismo?

GLAC: Tive a oportunidade de trabalhar com pessoas que tiveram papel fundamental na constituição de instituições importantes para a gestão da Cultura no Município, a começar pelo criador do Arquivo Histórico de Joinville, Adolpho Bernardo Schneider, seguido do primeiro presidente da Fundação Cultural de Joinville, Miraci Dereti. Mais tarde, a Raquel S.Thiago, como Diretora de Cultura e, também, diretora do AHJ. O Afonso Imhof, como Coordenador do Patrimônio Cultural e mais recentemente Joel Gehlen, como Diretor Executivo da FCJ. Estas foram pessoas que trabalhei diretamente e por quem tenho muita consideração e admiração. A Fundação Cultural teve grandes gestores, além dos já citados, e não posso deixar de mencionar o Charles Narloch, com quem trabalhei indiretamente. Eles tiveram papel fundamental na definição das políticas culturais para o Município que foram sendo aprimoradas ao longo dos anos e consolidadas no Plano Municipal de Políticas Culturais que, infelizmente, foi engolido pela gestão passada. Ainda defendo a necessidade da reativação da Fundação Cultural de Joinville com autonomia para que estas e outras políticas possam ser implementadas e, assim, estancar o retrocesso no qual estamos imersos.

GMS: Qual a mensagem que você deixaria para os pesquisadores da história de Joinville e para os trabalhadores da cultura, no AHJ e nos museus da cidade?

GLAC: Não deixem de sonhar!



Imagem 1

Oficina de Tinta Ferrogálica ministrada no SENAI, em São Paulo.



Imagem 2

Restauração do Cemitério do Imigrante, Joinville.

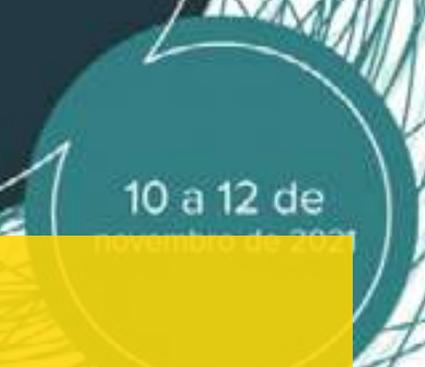


Imagem 3

Restauração do cemitério israelita, em Itaara, RS.



Educação Patrimonial e Difusão Cultural



metrado e doutorado
univille

Divulgação científica do AHJ em congressos internacionais

Giane Maria de Souza

Especialista Cultural, educadora e doutora em História pela UFSC

Enipac, Univille

O projeto Arquitetura urbana de Joinville: conservação e difusão da série documental “Projetos Arquitetônicos” do Fundo Poder Executivo (1917-1971), contemplado pelo Edital Elisabete Anderle/2019 – Fundação Catarinense de Cultura (FCC) foi objeto de duas apresentações científicas. No V Enipac (Encontro Internacional Interdisciplinar em Patrimônio Cultural), promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille), as técnicas Giane Maria de Souza e Dinorah Luisa de Mello Rocha Brüske propuseram a comunicação Projeto Arquitetura Urbana de Joinville – Conexões com o patrimônio industrial no Simpósio Patrimônio industrial e mundial: estado da arte, perspectivas e desafios. Os artigos completos serão publicados em um e-book.

de forma virtual em Yucatan, México. Para o ano de 2022, será publicado um Dossiê com as apresentações do Painel.

Congresso de Yucatán, México

Giane Maria de Souza e Dinorah Luisa de Mello Rocha Brüske aprovaram a comunicação Digitalização, Descrição, Análise e Disponibilização à Pesquisa do Acervo dos Projetos Arquitetônicos do Arquivo Histórico de Joinville no Painel Heritage: The Local and the Global in Pandemic Times, coordenado pelas professoras Dra. Alicia N. González de Castells (do PPGAS/PGAU - UFSC e NAUI - Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural) e Dra. Mónica B. Rotman (da Universidad de Buenos Aires e investigadora principal contratada de CONICET, Instituto de Ciencias Antropológicas, Facultad de Filosofía y Letras – UBA). Promovido pelo International Union of Anthropological and Ethnological Sciences (IUAES), o congresso ocorreu



Programação de aniversário de 50 anos Arquivo Histórico

Programação de aniversário de 50 anos do Arquivo Histórico

Março

O quê? Lançamento do Boletim n. 19 do AHJ - edição especial dos 50 anos (trimestral)

O quê? Solenidade alusiva aos 50 anos do Arquivo Histórico de Joinville

Quando? 20/03/2022

Horário: 10h.

O quê? Mesa redonda “Os 50 anos do Arquivo Histórico de Joinville: história, memória e cidade”, com a Profa. Dra. Janine Gomes da Silva (UFSC) e a Profa. Dra. Ilanil Coelho (UNIVILLE)

Quando? 24/03/2022

Horário: 19h.

Informações: arquivohistorico@joinville.sc.gov.br

O quê? Lançamento de livro comemorativo dos 50 anos do AHJ

Quando? Novembro

Horário: 19h.

Informações: arquivohistorico@joinville.sc.gov.br

Ao longo do ano de 2022, com datas a confirmar, o AHJ irá proporcionar outras atividades para complementar a programação de comemoração dos seus 50 anos, entre elas:

- Participação em Congressos, Simpósios e Encontros de História e de Arquivologia;
- Rodas de conversa;
- Pesquisas em evidência;
- Visitas escolares com agendamento;
- Projeto “O Arquivo vai à escola”;
- Apresentações de trabalhos do projeto “Pesquisa em Evidência”;
- Reativação do espelho d’água do AHJ;
- Restauro da obra da artista Helena Montenegro;
- Colocação de placa com a identificação da praça “Miraci Dereti”, anexa ao AHJ;
- Visitas guiadas ao acervo do AHJ;
- Abertura da nova exposição do AHJ;
- Ações de comunicação: produção de vídeos, inserção de imagens históricas do acervo do AHJ nas redes sociais da PMJ e do material das últimas exposições do AHJ no site da PMJ.



Professores e o Arquivo



Homenagem ao aniversário do AHJ

Waldir José Rampinelli

Escritor e professor da UFSC

O AHJ completa 50 anos. São cinco décadas de preservação da memória da região, trabalho fundamental para que os pesquisadores analisem e interpretem a história. Infelizmente, muito se perdeu, pois quando os imigrantes europeus aportaram em Santa Catarina, na segunda metade do século XIX, os povos originários já estavam aqui há cinco mil anos, afirma o antropólogo Sílvio Coelho dos Santos.

Povo sem memória é povo manipulado. O poder público tem por obrigação investir nos seus arquivos, criando infra-estruturas favoráveis à pesquisa, para que as pessoas conheçam seu passado e entendam seu presente.



Foto: Waldir José Rampinelli



Homenagem ao Arquivo Histórico de Joinville

Rogério Lenzi

Historiador da Fundação Genésio de Miranda Lins do Centro de Documentação e Memória Histórica
setor: Arquivo Público de Itajaí (FGML – CDMH)

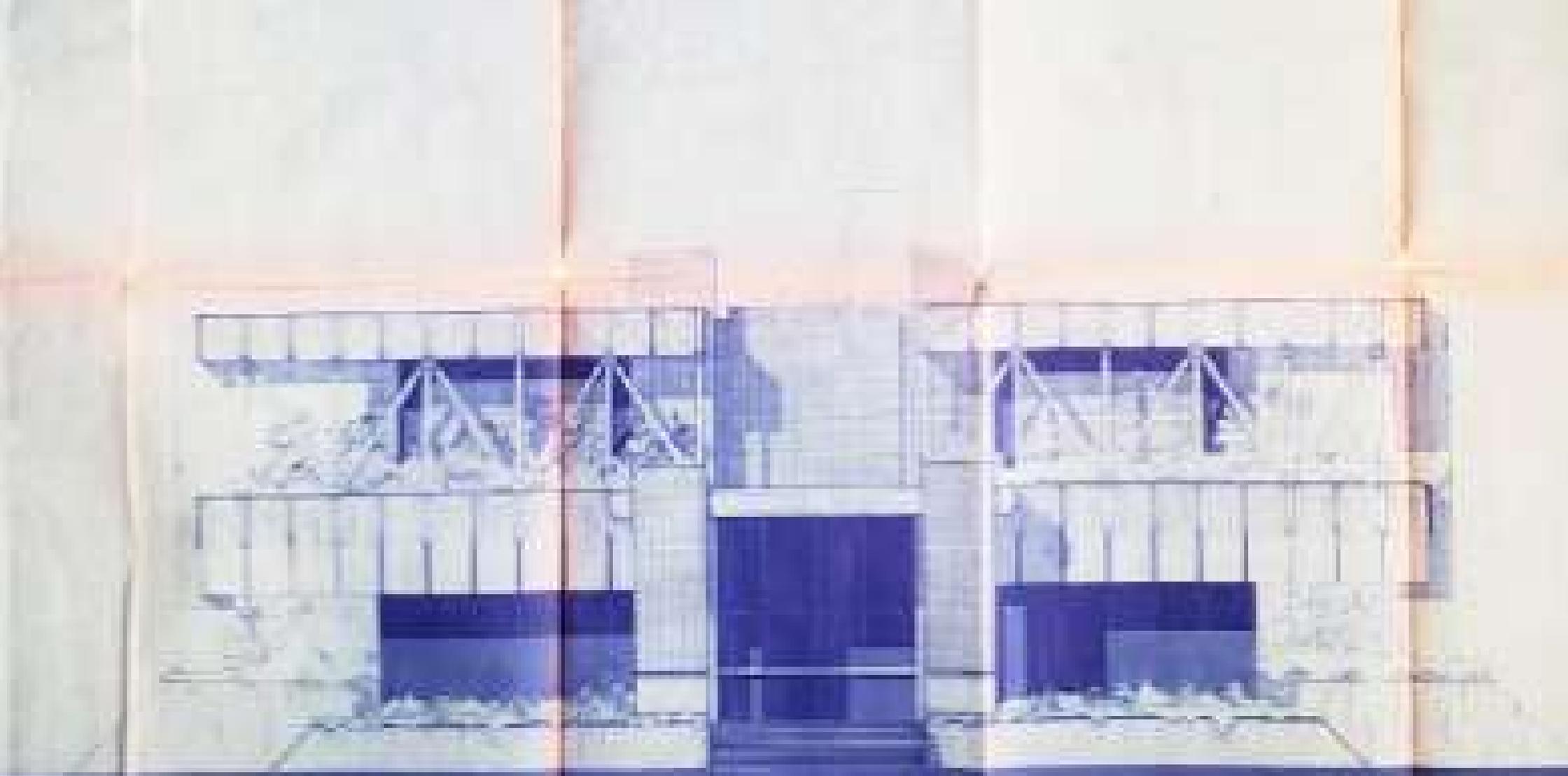
50 anos é um suspiro breve para se entender a movimentação de aglomerado populacional, comunidades, freguesias, vilas e cidades. Há 50 anos, quantos despertados haveria para reconhecer a importância das ações, dos atos, dos fatos, das consequências e desenrolares das decisões, dos feitos, das leis e decretos, da inimaginável reação humana sobre a vida toda que nos conduz em dúvidas e em certezas, nos induz ou nos afasta no que somos segregados e no que nasce como uma ideia, uma vontade e um desejo?

50 anos atrás permanece tudo que se guarda para o futuro: para além de um tempo em que não se fixa estático, mas atuante no silêncio de salvaguardar informações e as deixá-las públicas, o Arquivo Histórico de Joinville deixa de ser uma instituição desconhecida a um público geral para se valer, como sempre se valeu, em respeito à História e pela Vida: porque as andanças são muitas; muitas são as ideias de marcha ou marcha de ideias.

E é aqui que nós os parabenizamos – por todo amor e dedicação, por todo sofrer e por toda fortuna, por serem o que são de mais importante ao futuro de cada cidade: conhecimento que se dá. Parabéns.



Artefato Cultural



Prédio-sede do AHJ

Prédio-sede do AHJ

Enquanto artefato cultural do AHJ, neste Boletim Comemorativo aos 50 anos da instituição escolhemos o prédio-sede do AHJ, inaugurado em 1986. Sobre a arquitetura modernista do prédio do AHJ, as técnicas Giane Maria de Souza, Dinorah de Melo Rocha Brüske e Luiza Morgana Klueger Souza publicaram um artigo científico na Revista Confluências Culturais, v. 9 n. 1 (2020): Patrimônios e sociedade: desafios ao futuro, intitulado Arquivo Histórico de Joinville – O processo de patrimonialização da arquitetura moderna e institucional como monumento e documento, que pode ser conferido no link: <http://periodicos.univille.br/index.php/RCC/article/view/113>



Teses e Dissertações da Biblioteca do AHJ



Sombrios umbrais a transpor: arquivos e historiografia em Santa Catarina no século XX.

Janice Gonçalves

Doutora em História pela USP

A tese busca compreender os processos de definição e constituição, no século XX, em Santa Catarina, de dois campos profissionais e de conhecimento - o campo historiográfico e o campo arquivístico, bem como suas interações. A primeira parte focaliza a historiografia sobre Santa Catarina, problematizando as tensões entre a nova geração (muito identificada ao meio universitário) e os representantes da história tradicional (em geral, associados ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina IHGSC), abordando as condições e locais de produção de trabalhos de caráter histórico, bem como as formas de sua disseminação. A segunda parte estuda as tentativas de estabelecer, para os arquivos em Santa Catarina, uma política, uma legislação comum e uma rede de intercâmbios, sobretudo a partir da década de 1980. Estuda-se o papel do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina e, a partir dos anos 1970, a legislação sobre arquivos municipais. A terceira parte focaliza mais detidamente quatro instituições arquivísticas municipais - os arquivos de Blumenau, Joinville, Itajaí e Florianópolis -, salientando-se, em sua trajetória, a relação com procedimentos de instituição de memórias, de elaboração e legitimação de narrativas históricas, de racionalização administrativa e de garantia de acesso aos documentos como condição do exercício da cidadania.

Palavras-chave: Arquivística. Arquivos. Historiografia. Santa Catarina (Estado). Século XX.

CONÇALVES, Janice. Sombrios Umbrais a transpor: Arquivos e historiografia em Santa Catarina no século XX. Tese (doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Social na Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. 444 fls. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-30012007-110719/publico/TeseJaniceGoncalves.pdf> Acesso em: 26 jan.2022.



Memória do Boletim



Arquivo e Biblioteca

Raquel S. Thiago

Historiadora e ex-diretora do AHJ (1986-1989)

Um dos problemas que nos apresenta em determinadas circunstâncias é o de definirmos os limites de competência entre o arquivo e a biblioteca.

Numa rápida reflexão, três questões se impõem. A primeira, parte do próprio conceito de documento que inclui elementos gráficos, iconográficos, plásticos e cênicos, pelos quais o homem se expressa, como fazendo parte da infinita variedade de documentos. A abrangência do que pode ser documento é, portanto, enorme. Daí o primeiro questionamento. Quais os critérios que determinam a entrada de um livro num arquivo ou numa biblioteca?

Helôisa L. Belloto⁽¹⁾ afirma que a forma pela qual o documento é criado é que vai determinar seu uso e destino de armazenamento futuro. É a sua origem e emprego que determina sua condição de documento de arquivo ou de biblioteca. Serão absorvidos pela biblioteca os impressos ou audiovisuais resultantes de atividade cultural, técnica ou científica. O arquivo, por sua vez, absorverá um material muito variável, indo, por exemplo, desde uma tabela assíria, passando por um livro de contabilidade de determinada empresa, até uma escritura de escravo, sem falar na infinidade de outros documentos. Em suma: a biblioteca instrui, ensina; o arquivo prova.

A segunda questão é a seguinte: além dos documentos-fonte primária, como pode o pesquisador ter acesso à enorme massa documentária colocada à sua disposição ano após ano em todo o mundo? Ela pode estar contida em material manuscrito, impresso ou audiovisual, armazenada em biblioteca ou arquivo. Cabe

a estes reunir, conservar, indexar, resumir, possibilitar a consulta e divulgar fontes de pesquisa. Tal tarefa cabe, pois, tanto ao arquivo quanto à biblioteca, embora sua organicidade e tipo de material sejam distintos. O tipo de documentação que vai para a biblioteca é, em geral, impressa e múltipla. Documentos idênticos podem ser encontrados simultaneamente em várias bibliotecas. Já no arquivo, o acervo pode ser manuscrito ou impresso, mas sua unicidade (ou baixa tiragem) é o que melhor o define. Quanto ao material audiovisual, este pode pertencer tanto ao arquivo quanto à biblioteca.

O terceiro questionamento está centrado na seguinte indagação: quais as formas de entrada do acervo na biblioteca e no arquivo? Na biblioteca normalmente ocorre através da compra, doação ou permuta. O arquivo, porém, recebe os documentos através de uma passagem natural, dentro das idades do documento: arquivo corrente, intermediário e permanente. O material é recolhido sem haver, por parte do arquivista, qualquer seleção para aquisição, como faria o bibliotecário. A biblioteca é, pois, um órgão colecionador, ao passo que o arquivo é um órgão receptor.

Oportunamente discorreremos sobre Centro de Documentação que, assim como a biblioteca, difere (menos, é verdade) do arquivo.

(1) As fronteiras da documentação. Cadernos FUNDAP, SP. Ano 4 n.8, abril/1984, p. 12/16. Fonte: S.Thiago, Raquel. Arquivo e Biblioteca. Boletim do Arquivo Histórico de Joinville. PMJ/FCJ. Joinville/SC: AHJ. Jlle., 3(3) jun. 1986.



O Arquivo e a Cidade



Arquivo Histórico de Joinville, o hipotálamo do município

Cristiano Viana Abrantes

Historiador da Coordenação do Patrimônio Cultural, Secult/PMJ

A Memória é condição natural do ser humano. Nossos ancestrais na Pré-História costumavam perpetuá-la organizando-a em relatos, que eram contados pelos mais velhos, os quais acrescentavam novos fatos aos acontecimentos mais antigos. Formava-se uma espécie de livro falado do grupo, que sempre fazia parte das festividades, para não cair no esquecimento. Alguns momentos épicos eram até mesmo encenados em coreografias comemorativas.

Com o advento da escrita, tais relatos passaram a ser de alguma forma anotados e muitos deles viraram um diário do grupo, que assim podia valorizar sua história. De acordo com a organização desses povos, os diários escritos viravam compêndios com muitos volumes e tinham versões, de acordo com o seu escritor. Dessa forma a memória foi historicizada ao longo do tempo.

O modelo de organização por escrito fez com que essas histórias motivassem a guarda de documentos. Na Antiguidade, os principais e mais conhecidos centros culturais, abrigos de variada documentação relevante, eram as Alexandrias; a mais famosa ficava no porto ao norte do Egito, que entrou para a História da Humanidade por conta de seu farol e bibliotecas. Ali o acervo reunia vários escritos de pensadores das regiões do Mar Mediterrâneo e da Ásia Menor, dando subsídios a inúmeras pesquisas ao longo do tempo. Muitas delas transcenderam épocas, como as teorias ptolomaicas e aristotélicas da rotação terrestre.

Da mesma maneira, em outros tempos e lugares, as autoridades passaram a salvar os documentos, caso dos mosteiros no Império Carolíngio, que

conseguiram preservar muitos escritos da Antiguidade. Na Renascença, com a sedimentação dos Estados Nacionais, outros locais apareceram para concentrar tais arquivos. Em Portugal foi escolhida a Torre do Tombo para tutelar os documentos mais importantes; por esse motivo o verbo tomar virou sinônimo de preservação.

Em Joinville, há 40 anos a instituição que procura guardar documentos para preservar a memória da cidade é o Arquivo Histórico de Joinville (AHJ). Ele tem dado a todo indivíduo curioso, cheio de perguntas, subsídios para alcançar suas respostas, e por isso se transformou no principal centro das fontes de pesquisa do município. É o lugar propício para nutrir as histórias, curiosidades e lembranças do passado, do presente e, por que não dizer, do futuro. Não seria demasiado chamá-lo de Centro de Memórias, por ter em seu acervo inúmeros documentos que ajudam a lembrar os fatos.

Como historiador da Coordenação do Patrimônio Cultural (CPC) – setor da Secretaria de Cultura e Turismo (Secult) do município –, instituição responsável por cuidar da preservação dos bens culturais imóveis e salvaguardá-los, estou sempre em contato com os servidores do AHJ para municiar minhas pesquisas por meio de documentos como mapas, listas de imigrantes, projetos arquitetônicos antigos, listas de impostos, fotografias, recortes de jornais, entre tantos outros, para tentar apurar os fatos e compreender e escrever a História da urbanização de Joinville e da construção das edificações ao longo do tempo. Como resultado dessa parceria, a CPC consegue fazer inventários com mais propriedade para escolher os imóveis que merecem ser preservados pelo município, e o AHJ desenvolveu um projeto

Arquivo Histórico de Joinville, o hipotálamo do município

Cristiano Viana Abrantes

para digitalizar os projetos antigos, localizar as edificações existentes e levantar um histórico de seus arquitetos e a sua atuação na cidade de Joinville.

O trabalho desenvolvido no Arquivo é fundamental para impulsionar a pesquisa da CPC, na maior parte do tempo atuando de forma bilateral na organização das informações, para compreender como funcionava a cidade, década a década, desde 1851. Procura-se responder a questões como: De que maneira aconteceram as motivações do adensamento demográfico? Por que da manutenção do núcleo colonizador próximo ao Rio Cachoeira, se existiam outras duas possibilidades no início da colonização? De que maneira os movimentos econômicos funcionam como motor da urbanização? Esses são exemplos de questionamentos que levaram a uma intensa pesquisa para entender a organização da cidade.

Como resultado, outras evidências sinalizam claramente a importância do Porto do Mercado e da Estrada Dona Francisca, durante a economia da erva-mate, como pontos de destaque. Depois houve a expansão da atividade portuária para o Porto do Bucarein, com a atividade madeireira, e em seguida a construção da estrada de ferro e com ela a Estação Ferroviária (atual Estação da Memória), fazendo com que a região das atuais Procópio Gomes e Getúlio Vargas recebessem muitas empresas e pessoas, levando a cidade até os trilhos do trem já na primeira década do século XX; a zona rural começava logo após esse marco. O desenvolvimento industrial iniciado no Centro expandiu-se para o Bucarein e Anita Garibaldi ainda na primeira metade do século. Já na segunda metade, o polo migrou para as regiões leste e norte, o que levou pessoas a morar próximo das empresas, como aconteceu

anteriormente. Assim apareceram os bairros Boa Vista, Costa e Silva, Glória, entre outros.

Conseguir compreender Joinville e suas características é uma ação que se torna muito facilitada pela organização e pelos cuidados dispensados pela equipe do AHJ, que, apesar de tantas dificuldades, mantém toda a dedicação necessária para que esses documentos estejam sempre à disposição daqueles que querem fazer quaisquer pesquisas.

Mesmo antes de eu fazer parte da CPC, quando ainda atuava como professor do ensino médio ao longo das duas primeiras décadas desse século, o Arquivo sempre esteve aberto a parcerias educacionais, dando suporte aos alunos na consulta e pesquisa de trabalhos ou projetos escolares em que Joinville era o tema.

Se tivesse de comparar Joinville ao corpo humano, o AHJ seria parte do cérebro, o hipocampo, responsável pela memória e pelo aprendizado da cidade, pois é da pesquisa dentro de suas paredes que nasce a produção de informações que colaboram para compreender os múltiplos aspectos da cultura do município. Como consequência das pesquisas que transformaram os documentos primários em novas fontes de informação, temos publicações, as quais em um movimento retroalimentado são levadas como parte do acervo e viram pontos de fomentação de mais pesquisa.

Arquivo Histórico de Joinville, o hipotálamo do município

Cristiano Viana Abrantes

Como historiador do patrimônio imóvel, não posso deixar de falar da edificação que abriga o Arquivo e de sua arquitetura moderna, de tijolos à vista, tal qual as primeiras construções no estilo enxaimel (símbolo dos primeiros colonizadores de Joinville). Construído ao lado da Casa da Cultura, praticamente na esquina da Rua Dona Francisca com o Rio Cachoeira, o Arquivo atualmente faz parte do conjunto arquitetônico que abriga os três poderes da cidade, além da Secult e da Secretaria de Educação – instituições governamentais que juntamente com o Museu de Sambaqui continuam a fazer das margens do Rio Cachoeira trecho importante para Joinville ainda hoje.

Aqui chegamos ao ponto-chave: se o AHJ não existisse, a probabilidade de a maior parte desses documentos ter se perdido por falta de conservação ou por simples descarte seria muito grande. Isso se daria pela falta de compreensão da relevância histórica deles. A ausência desse órgão faria com que a produção do conhecimento na cidade diminuísse de forma drástica, pois os poucos documentos que sobrariam estariam espalhados dentre a população, em acervos particulares, tornando quase impossível juntá-los, o que atrasaria muito o andamento das pesquisas.

Por isso, espero que nossos governantes não percam de vista a importância de um local de acervo que fomenta a pesquisa, a compreensão, a identidade, a cultura, a pluralidade, a democracia, o conhecimento na cidade e deem ao nosso Centro de Memória a devida importância, pois sem ele com certeza perderíamos muito do que é ser Joinville.



Foto: Cristiano Viana Abrantes



Aconteceu em Joinville: Femicídio registrado em 1872 no Kolonie Zeitung

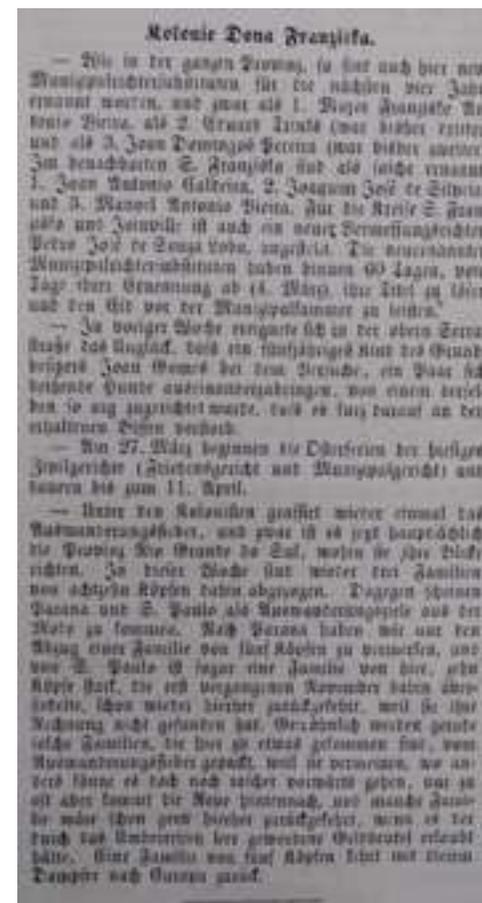
Tradução livre da equipe do AHJ

De acordo com a tradução livre da equipe do AHJ, a reportagem aborda uma análise do Júri, na primeira sessão em 11 de março de 1872. Cujo presidente era o senhor Juiz de Direito Dr. Valle e o promotor Dr. Balbino de Mello, acompanhados do escrivão interino, senhor Correa. Após a convocação, compareceram 43 jurados e 5 justificaram sua ausência.

O Juiz Municipal Dr. Engelke declarou aberta a sessão e leu os dois processos que seriam tratados naquela oportunidade: um era o processo contra o preso Lauersdorf, acusado de assassinar sua esposa, e o outro era o processo do Dr. Eduardo José de Moraes contra o comerciante Maximiano A. Müller, por lesão corporal leve.

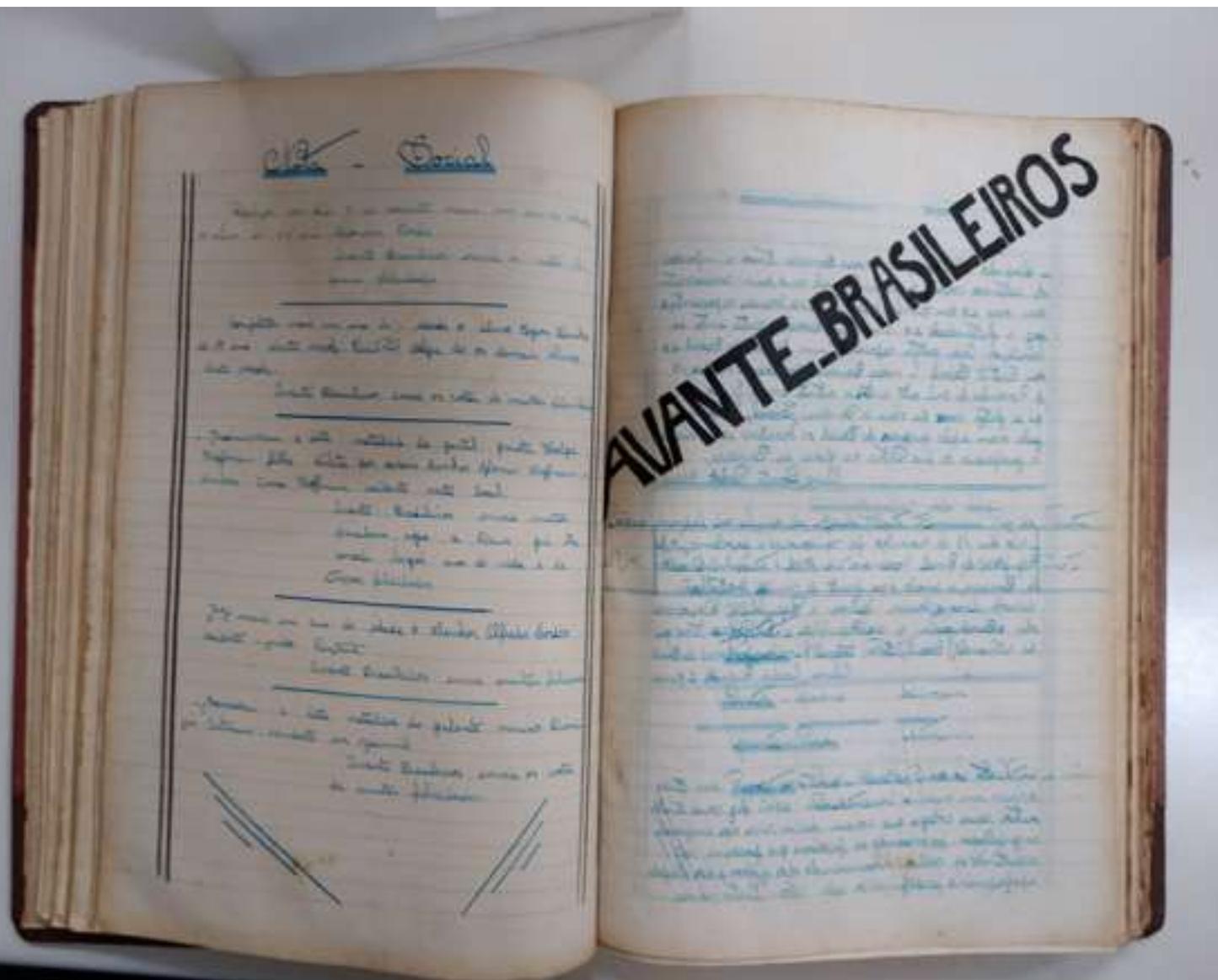
Imagem: Artigo publicado no Kolonie.

Fonte: Jornal Kolonie-Zeitung, 19 de março de 1972. Capa. Hemeroteca do AHJ.





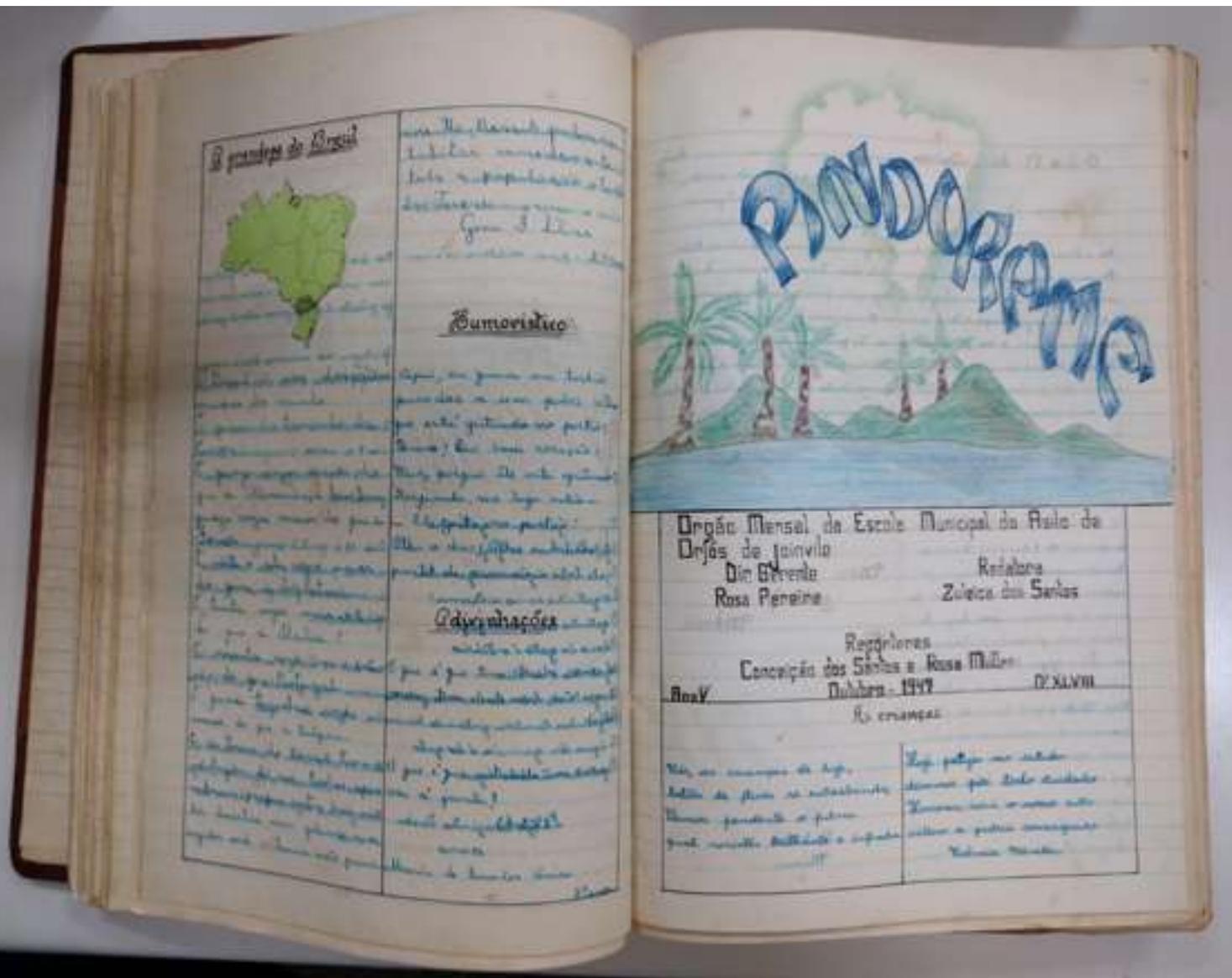
Por Dentro do Acervo



Jornais escolares

Prefeitura Municipal de Joinville [Jornais das Escolas Municipais - 1946-7]. Joinville.

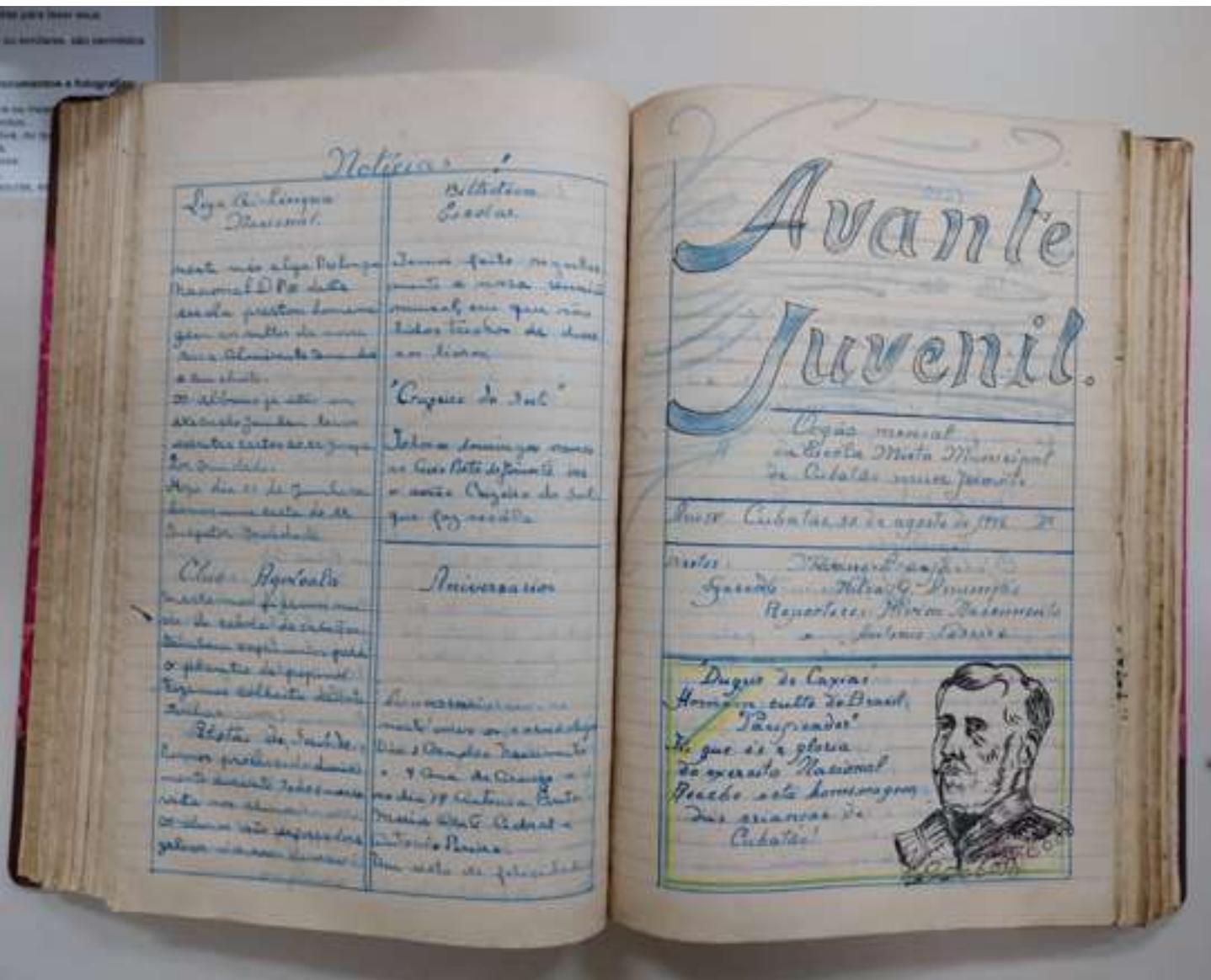
Encadernação de publicações mensais manuscritas de jornais escolares elaborados por alunos e professores de diversas escolas.



Jornais escolares

Fotografia do “Pindorama”, órgão mensal da Escola Municipal do Asilo de Órfãos de Joinville.

Fonte: Fundo Poder Executivo, Secretaria Municipal de Educação, acervo de Jornais Escolares, AHJ.



Jornais escolares

“Avante Juvenil”, órgão mensal da Escola Municipal Cubatão (1946).

Fonte: Fundo Poder Executivo, Secretaria Municipal de Educação, acervo de Jornais Escolares, AHJ.



Expediente

Expediente

Boletim do Arquivo Histórico de Joinville.

Vol. XVI, no 19, (...) jan, fev, mar 2022 ISSN 14133434

Prefeitura Municipal de Joinville

Adriano Bornschein Silva

Prefeito

Rejane Gambin

Vice-Prefeita

Secretaria de Cultura e Turismo

Guilherme Augusto Gassenferth

Secretário de Cultura e Turismo

Francine Olsen

Diretora Executiva

Roberta Meyer Miranda da Veiga

Gerente de Patrimônio e Museus

Arquivo Histórico de Joinville

Dilney Fermino Cunha

Coordenador

Corpo Funcional

Amauri de Oliveira Prado

André Felipe Meyer

Arselle de Andrade da Fontoura

Catarina de Souza

Cátia Regina Hodecker

Dinorah Luisa de Melo Rocha Brüske

Elisangela da Silva

Fernanda Pirog Oçoski

Gabriel Pavesi Goudard

Gerson Luiz Santana

Giane Maria de Souza

Janice Garcia

Leandro Brier Correia

Nelson Berndt

Nívea Giovanella Reinert

Rodrigo Boçoen

Valdir Bonavigo

Expediente

Organização e coordenação do Boletim do AHJ

Giane Maria de Souza

Revisão

Giane Maria de Souza (AHJ)

Nelson Berndt (AHJ)

Celiane Neitsch (Arte na Cuca)

Design Gráfico e Editoração

Walmer Bittencourt Júnior

Celiane Neitsch

Apoio Cultural

Arte na Cuca - Informação, Educação, Cultura e Arte

www.artenacuca.com.br

contato@artenacuca.com.br

artenacuca.com.br

Arquivo Histórico de Joinville, Santa Catarina (Secretaria de Cultura e Turismo). Av. Hermann A. Lepper, 650, Saguauçu - CEP: 89221-005

Telefones: (47) 3422-2154 ou (47) 3422-2329

E-mail: arquivohistorico@joinville.sc.gov.br, endereço eletrônico para críticas, sugestões e envio de propostas.

